



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Gestão de Pessoas

Marcus Luis Hartmann

Diretoria de Operações e Abastecimento

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria Administrativo, Financeiro e de Fiscalização

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência da Gestão da Oferta

Wellington Silva Teixeira

Gerência de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro



BOLETIM DA SOCIOBIODIVERSIDADE

Volume 2, Número 2
2º trimestre de 2018

ISSN: 2527-1598

B. Sociobiodiversidade, v. 2, n. 2, p. 1 - 56, abr./maio/jun. 2018

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>

Depósito Legal junto à Biblioteca Josué de Castro

Impresso no Brasil

ISSN: 2527-1598

O Boletim da Sociobiodiversidade é uma publicação trimestral da Companhia Nacional de Abastecimento, cujo objetivo é apresentar informações de biomas brasileiros, conjunturais de mercado de produtos da sociobiodiversidade e o relatório de operações executadas pela Política de Garantia de Preços Mínimos, para Produtos da Sociobiodiversidade.

Supervisão: Ianelli Sobral Loureiro, Wellington Silva Teixeira e Stelito de Assis dos Reis Neto, Ênio Carlos Moura de Souza.

Elaboração: Ianelli Sobral Loureiro, Ana Rita Lopes Farias Freddo, Ênio Carlos Moura de Souza, Humberto L. Pennacchio.

Colaboração: Pâmela Bispo da Silva, Luiz Felipe Melo Gonzaga e Laís Siqueira de Jesus.

Projeto gráfico: Guilherme Rodrigues

Normalização: Narda Paula Mendes – CRB-1/562, Thelma Das Graças Fernandes Sousa - CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

631:502(81)(05)

C737b

Companhia Nacional de Abastecimento.

Boletim da Sociobiodiversidade / Companhia Nacional de Abastecimento. –
v. 1, n. 1 (2017-). - Brasília: Conab, 2017-

Trimestral

ISSN: 2527-1598

1. Biodiversidade. 2. Agronegócio. I. Título

Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6262

<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br

SUMÁRIO

Editorial.....	5
Bioma	6
Conjuntura de Mercado.....	9
Açaí.....	10
Amêndoa de Andiroba	19
Amêndoa de Babaçu	21
Borracha Extrativista	23
Buriti	26
Cacau Nativo.....	28
Castanha do Brasil	34
Juçara	37
Mangaba.....	40
Piaçava	43
Pinhão	45
Execução da PGPMBio	47

EDITORIAL

Ianelli Sobral Loureiro

A Conab possui a missão de promover a garantia de renda ao produtor rural, a segurança alimentar e nutricional e a regularidade do abastecimento, participando da formulação e execução das políticas públicas.

O Boletim da Sociobiodiversidade tem sua publicação trimestral, contendo análises de conjunturas dos produtos extrativos que compõem a pauta da Política de Garantia de Preços Mínimos, para a Sociobiodiversidade (PGPM-Bio).

A cada publicação são apresentadas informações sobre um bioma brasileiro, assim como a análise dos dados de execução da Subvenção Direta ao Produtor Extrativista (SDPE).

Assim, o pagamento de subvenção para produtores que ainda comercializam produtos da biodiversidade por preços abaixo do preço mínimo fixado pelo Governo Federal proporciona maior visibilidade a estes produtos, auxilia na organização da oferta e o seu ingresso ao mercado cria oportunidades de preços justos frente às diferenças regionais e à realidade local dos extrativistas, aumentando, ainda, o interesse de diversos setores como a indústria de fármacos, cosméticos e higiene pessoal, biocombustíveis, fibras e outros, conferindo maior competitividade aos produtos.

Neste contexto, considerar as diversidades regionais de produção e conjunturas de mercado, com vistas à proteção dos recursos naturais e à melhoria de renda e da qualidade de vida dos povos e populações que utilizam os recursos das florestas de forma sustentável, promove um desenvolvimento regional equilibrado e saudável ao país.

BIOMA

Ianelli Sobral Loureiro¹

Mata atlântica

A Mata Atlântica é classificada como um dos mais importantes *hotspots* da heterogeneidade biológica (MYERS *et al*, 2000)², além de ser um dos maiores do Brasil presente em 17 estados. Segundo o Ministério do Meio Ambiente³, originalmente o bioma continha aproximadamente 1,3 milhões de km², no entanto, hoje a cobertura vegetal que abrange várias formações florestais, áreas naturais, interiores e costeiro-marinhas já foi reduzida a menos de 13% de sua extensão original. Apenas 8,5% estão em bom estado de conservação, segundo dados disponibilizados pela fundação SOS Mata Atlântica.⁴

Ainda que a Mata Atlântica obtenha os níveis mais elevados de diversidade biológica, a grande degradação e desintegração florestal colaboram para que esse bioma tenha os mais elevados números de espécies ameaçadas de extinção. A fim de se ter uma noção, das 633 espécies pertencentes ao bioma, 383 estão comprometidas e mais de 60% das espécies presentes nas listas oficiais de fauna e flora ameaçadas de extinção estão distribuídas na Mata Atlântica (INPE, 2018)⁵.

O desmatamento da Mata Atlântica, entretanto, não se limitou ao extrativismo nos primórdios da colonização com a exploração desenfreada do pau-brasil; no Nordeste o processo continuou com a inserção dos engenhos de açúcar consumindo enormes quantidades de lenha em fornalhas, e posteriormente no Sudeste, com o grande abatimento das florestas para a pecuária, a lavoura dos cafezais e o assentamento de colonos. Atualmente, a

¹ Colaboração Luiz Felipe Melo Gonzaga

² MYERS, N., MITTERMEIER, R. A., MITTERMEIER, C. G., DA FONSECA, G. A. B. E KENT, J. 2000. **Biodiversity hotspots for conservation priorities**. Nature, v. 403, p. 853-858, 2018.

³ BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Mata Atlântica. Disponível em <http://www.mma.gov.br/biomas/mata-atl%C3%A2ntica_emdesenvolvimento> acesso em 06 de julho de 2018.

⁴ FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. Mata Atlântica: a casa da maioria dos brasileiros. Disponível em <<https://www.sosma.org.br/nossas-causas/mata-atlantica/>> acesso em 10 de julho de 2018.

⁵ INSTITUTO DE PESQUISAS ESPACIAIS. O que resta da Mata Atlântica? Disponível em <<http://www.inpe.br/acessoainformacao/node/462>> Acesso em 05 de julho de 2018.

exploração das várias espécies vegetais para a produção de lenha, carvão, alimentação e construção continuam.

Estudos atuais, desenvolvidos a partir da análise de imagens de satélite mostram um acelerado ritmo de substituição de extensas áreas de florestas por empreendimentos agropecuários, obras de infraestrutura e expansão urbana. A partir dessa conjuntura, a Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) elaboraram um relatório técnico contendo os Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica⁶, o qual indica, sinteticamente, os mapas-síntese do bioma, dados por estado e as estatísticas globais também por estado, além das principais mudanças que vêm ocorrendo nesse conjunto de ecossistemas.

O relatório técnico feito no período de 2016 a 2017 aponta que o desmatamento da Mata Atlântica diminuiu em comparação aos anos anteriores. Em 2017, nos 17 estados de abrangência do bioma, foram destruídos 12,562 hectares (ha), o equivalente a 125 km². Nesse foco, é imperativo destacar que entre 2015 e 2016, a área desmatada foi igual a 29,075 ha. Desta forma foi possível concluir que, o desmatamento da Mata Atlântica teve redução de aproximadamente, 57% entre 2016 e 2017.

No levantamento feito pela citada Fundação e o INPE, os estados conhecidos como os detentores dos maiores índices de áreas desmatadas obtiveram queda no desflorestamento - por exemplo, a Bahia que possui o maior nível de desmatamento - reduziu 67%, todavia, desflorestou aproximadamente 4,000 hectares; Minas Gerais desmatou 3.128 ha e reduziu 58%, o Paraná reduziu 52% e o Piauí reduziu 53%. Referindo-se a esses estados, é substancial salientar que possuem altos níveis de desmatamento, e que a redução no desflorestamento é um importante avanço.

Com os novos dados do Atlas da Mata Atlântica, os estados que tiveram maior redução do desmatamento foram: São Paulo com 87% e Espírito Santo com 99% de queda, em relação ao ano de 2016. Os estados subsequentes com nível de desmatamento menor são: Mato Grosso do Sul com 116 ha, Paraíba com 63 ha, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte com 19 ha e 23 ha, respectivamente.

⁶ FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica. Disponível em <https://www.sosma.org.br/link/Atlas_Mata_Atlantica_2016-2017_relatorio_tecnico_2018_final.pdf> Acesso em 26 de junho de 2018.

O desmatamento da Mata Atlântica é um problema vigente de longas datas e um dos fatores que contribui para a fragmentação desse bioma é o crescimento das cidades, uma vez que na Mata Atlântica vivem, atualmente, somando mais de 148 milhões de habitantes em 3.429 municípios dos 17 estados de abrangência do bioma, o equivalente a 72% da população brasileira⁷. Tais municípios têm os maiores indicadores de urbanização do país.

A partir dessa conjuntura, mesmo com a intensa desintegração, a substancialidade desse bioma para o bem-estar social e para a evolução econômica do país continua devido aos incontáveis bens e serviços ambientais que ele oferece para a sociedade.

⁷ FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. Chamada de projetos para unidades de conservação pública e privada da Mata Atlântica e ambientes marinhos e costeiros. São Paulo, 2018.

CONJUNTURAS DE MERCADO

Nessa sessão, os técnicos da companhia apresentam as informações conjunturais referentes às atividades do segundo trimestre de 2018, relativas aos produtos: Açaí, Amêndoa de Babaçu, Andiroba, Buriti, Borracha extrativa, Cacau, Castanha do Brasil, Juçara, Mangaba, Piaçava e Pinhão, produtos estes que fazem parte da Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade. As análises desses mercados subsidiam os atores envolvidos nessas cadeias, tais como produtores e consumidores, além das políticas públicas voltadas a esse segmento.

AÇAÍ

Ana Rita Lopes Farias Freddo

O açaizeiro representa um importante fator socioeconômico para a região amazônica, devido a um dos seus principais produtos, o açaí batido para o consumo imediato da população, além da polpa industrializada congelada e o corante natural denominado antocianina, empregado nas indústrias farmacêuticas, cosméticas e alimentícias (Bezerra, V. S. et al, 2016⁸).

Nesta edição, serão abordados dois assuntos: a importância de um manejo sustentável na produção do açaizeiro e o contexto atual do mercado do açaí.

1. Análise do Manejo do Açaizeiro no Estuário Amazônico

No delta do rio Amazonas, tem-se visto uma rápida expansão da espécie *Euterpe Oleracea Mart.*, visando atender à crescente demanda por seus frutos. Isso foi possível através da transformação das áreas de várzea em agroflorestas simplificadas e da plantação intensiva em áreas de terra firme. Entretanto, como o açaí contribui significativamente para a economia e segurança alimentar das comunidades locais, é essencial identificar formas de manejo que suportem a biodiversidade e os processos ecossistêmicos que sustentam a produção de frutos nessas localidades (Campbell, A. J. et al, 2018)⁹.

Um exemplo que mostra claramente a relação direta de um processo ecossistêmico com a produção de açaí é encontrado no artigo *Anthropogenic disturbance of tropical forests threatens pollination services to açaí palm in the Amazon river delta* publicado, recentemente, no Journal of Applied Ecology. Nesse estudo, os pesquisadores compararam as comunidades de visitantes de flores e a produção de açaí, em florestas de várzea e plantações em terra firme, através de gradientes de intensidade de manejo local (ou seja, densidade de

⁸ BEZERRA, Valéria Saldanha; SILVA, Otniel Freitas; DAMASCENO, Leandro Fernandes. Açaí: produção de frutos, mercado e consumo. 2016. <http://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca?b=ad&id=1059773&biblioteca=vazio&busca=1059773&qFacets=1059773&sort=&paginacao=t&paginaAtual=1> >. Acesso em: 10 de julho de 2018

⁹ CAMPBELL, Alistair John; CARVALHEIRO, Luísa Gigante; MAUÉS, Márcia Motta; JAFFÉ, Rodolfo; GIANNINI, Tereza Cristina; FREITAS, Madson Antonio Benjamin; COELHO, Beatriz Woiski Teixeira; MENEZES, Cristiano. Anthropogenic disturbance of tropical forests threatens pollination services to açaí palm in the Amazon river delta. 2018 Journal of Applied Ecology. 2018;55:1725-1736

açai por hectare) e de cobertura florestal ao redor, determinantes para os resultados encontrados, que foram:

- a) Os visitantes das flores do açaí são altamente diversos (cerca de 200 táxons¹⁰ distintos) e tinham respostas variáveis à perturbações. A visitação de abelhas foi maior nas várzeas e, positivamente relacionada à cobertura florestal circundante, mas outros visitantes de flores, incluindo besouros curculionídeos especializados, não responderam às mudanças na cobertura florestal circundante. No entanto, práticas de manejo intensivo (isto é, altas densidades de açaizeiros), nas várzeas e terra firme tiveram efeitos contrastados nas comunidades de visitantes das flores, com a riqueza de visitantes de flores, sendo mais baixa em áreas de várzea manejadas intensamente e as densidades de formigas sendo mais altas em áreas de terra firme intensivas;
- b) Os experimentos de polinização revelaram que o açaizeiro é altamente dependente da polinização biótica. A presença de frutos em inflorescência de polinização aberta foi positivamente relacionada à riqueza de visitantes de flores e à visita de besouros curculionídeos, enquanto a presença de formigas nas inflorescências teve um efeito negativo;
- c) Os polinizadores são essenciais para a produção de açaí, mas práticas agrícolas intensivas têm corroído a relação entre a cobertura florestal circundante e a função do ecossistema nas várzeas (ou seja, conversão de floresta nativa em agroflorestas simplificadas) e aumentaram a frequência de interações antagônicas em terras firmes (por exemplo, altas densidades de formigas). Estes resultados sublinham o valor de práticas de manejo extensivo, como a manutenção de outras espécies de árvores dentro de fazendas e áreas de floresta adjacentes não manejadas, para assegurar a sustentabilidade a longo prazo, da produção de frutos de açaí no delta do rio Amazonas.

2. Análise do Mercado

2.1. Mercado Internacional

No cenário internacional há dois principais questionamentos levantados pela imprensa internacional e pelos analistas internacionais de mercado, sobre

¹⁰ Plural de táxon. Taxon é a unidade taxonômica associada à classificação científica de seres vivos

o açaí: 1) seria ele um superalimento ou uma hype¹¹? e 2) os superalimentos¹² são, de fato, bons para o consumidor e o meio ambiente?

Segundo a *Deutsche Welle* - DW¹³, as sementes de chia, do açaí e da maca¹⁴ passaram dos cantos remotos da América Latina para os supermercados locais. Anunciados como “superalimentos”, cheios de vitaminas, eles estão “voando” das prateleiras¹⁵.

De acordo com a DW, o açaí é a fruta mais popular encontrada na região amazônica, tendo ganhado reputação internacional e comercializada como um “superalimento¹⁶”, que, até mesmo as indústrias cosmética e farmacêutica, usam seu ingrediente ativo em vários produtos¹⁷.

Ainda, de acordo com a DW, há uma alta e crescente demanda global por açaí, e se a espécie for cultivada de maneira sustentável pode proteger a floresta tropical e, ao mesmo tempo, ser um benefício econômico.

Segundo informações obtidas do site da *FoodNavigator*, pertencente à *William Reed*¹⁸, o mercado do açaí tem crescido na última década, impulsionado

¹¹ Hype é um exagero de algo, ou em marketing uma estratégia para enfatizar alguma coisa, ideia ou um produto. É um assunto que está dando o que falar, é algo que está na moda e que é comentado por todo mundo

¹² Superalimento é um termo utilizado para descrever alimentos de alto teor em fitonutrientes com elevados benefícios para a saúde. Estes alimentos são geralmente naturais, inteiros e contêm **altos teores de vitaminas, minerais, aminoácidos, ácidos gordos essenciais ou antioxidantes**. <http://www.fold.pt/o-que-sao-os-superalimentos/> >. Acesso em: 11 de julho de 2018.

¹³ DW é a sigla da Deutsche Welle (português: Onda alemã), uma empresa pública de radiodifusão da Alemanha, com sedes em Bonn e Berlim, que transmite para o exterior programas de rádio, além de oferecer uma programação televisiva e um amplo portal de conteúdo online em 30 línguas

¹⁴ A espécie *Lepidium meyenii*, conhecida como maca, ou ginseng peruano, é uma planta herbácea bienal da família Brassicaceae, originária dos altos Andes do Peru. Ela é cultivada por seu hipocótilo carnoso (fundido com uma raiz), que, normalmente, é seco em pó ou farinha e usada como vegetal de raiz ou na medicina tradicional. Seus nomes em espanhol e quíchua incluem maca-maca, maino, ayak chichira e ayak willku

¹⁵ Are superfoods all good for you and the environment? <https://www.dw.com/en/are-superfoods-all-good-for-you-and-the-environment/a-19443261> >. Acesso em: 11 de julho de 2018.

¹⁶ The “Super Berry” Business. <https://www.dw.com/en/the-super-berry-business/av-41430916>

¹⁷ The sweet taste of a Brazilian super berry. Disponível em: <https://www.dw.com/en/the-sweet-taste-of-a-brazilian-super-berry/a-41456955> >. Acesso em: 12 de junho de 2018

¹⁸ William Reed é uma companhia global, líder em mídia B2B*, que atua no setor de mercearia e varejo; hospitalidade; fabricação e processamento de ingredientes de alimentos; bebidas; uso farmacêutico e cosmético; insights e e-learning.

* B2B significa “Business to business”, ou “Empresa para empresa”. Quando falamos que um negócio é B2B, quer dizer que seu público-alvo são outras empresas – e não o consumidor final

pelo seu status de superalimento nos mercados ocidentais¹⁹. O produto foi associado a inúmeros benefícios à saúde, como redução de inflamação, aumento de energia, fortalecimento do sistema imunológico e melhoria da circulação sanguínea, mantendo “apelo” por ser relativamente baixo em calorias e rico em fibra dietética e proteína.

Citando dados da Future Market Insight²⁰, a reportagem da *FoodNavigator* relata que:

- a) Até o final de 2026, as vendas globais de açaí irão superar a marca de 1 milhão de t, acima das 300.000 t registradas em 2016. Alimentos e bebidas continuarão sendo o maior segmento de aplicação, significativamente à frente dos nutracêuticos e cosméticos, e devem gerar receitas de cerca de US\$ 2 bilhões, até o final do período analisado;
- b) A demanda inicial pelo açaí começou no início dos anos 2000, observando-se, em 2003, um aumento de 140% nas exportações brasileiras no mercado internacional, em relação ao ano anterior. O incremento da demanda global deu-se ao aumento da sua popularidade como um superalimento, principalmente, nos principais países importadores como EUA, Europa, Austrália e Japão;
- c) Esta demanda seria sustentada nos níveis atuais, em todo o mundo, nos próximos anos e “provavelmente não atingiria o pico” por causa do aumento do interesse em produtos com perfis nutricionais similares aos do açaí;
- d) A participação do mercado de alimentos e bebidas usando açaí deve crescer entre 9,9% e 11% (ano a ano) até 2026, impulsionada pela “demanda crescente” da indústria de sucos de superfrutas, e as receitas geradas de alimentos e bebidas de açaí aumentariam a um CAGR²¹ de 13%.

O artigo da *FoodNavigator* relata, ainda, que:

- a) Para atender a demanda global há grandes desafios. Apesar da indústria ter sido capaz de acompanhar essas crescentes demandas, devido, principalmente, ao avanço da tecnologia de produção (citando como

¹⁹ Açaí power: How much growth potential does this nutritious native berry truly have? <https://www.foodnavigator-latam.com/Article/2018/05/24/Acai-power-How-much-growth-potential-does-this-nutritious-native-berry-truly-have> >. Acesso em: 13 de julho de 2018.

²⁰ Future Market Insights - FMI é um fornecedor de serviços de consultoria e inteligência de mercado, atendendo clientes em mais de 150 países. A FMI está sediada em Londres, capital financeira global, e possui centros de entrega nos EUA e na Índia

²¹ CAGR é a sigla em inglês da Taxa de Crescimento Anual Composta. É a taxa de crescimento média anual de um investimento durante um período de tempo especificado superior a um ano

- exemplo uma fabricante brasileira de produtos à base de açaí, que investiu US\$ 2,6 milhões na modernização), no entanto, a colheita e o transporte do açaí permanecem sendo os maiores desafios enfrentados pelo setor, particularmente, devido à coleta e o transporte dos frutos que ainda acontecem usando cestas tradicionais e barcos a motor, em áreas de várzea;
- b) Um alto nível de cuidado precisa ser considerado, pois, o açaí cresce, principalmente em áreas inundadas da Amazônia. O principal desafio do transporte para a exportação do açaí se prende à delicadeza do fruto e sua produção sazonal. A rápida transferência dos frutos para as instalações de processamento é o maior desafio enfrentado pelos fabricantes de polpa de açaí;
 - c) O açaí, quando coletado das palmeiras, precisa ser processado em menos de 24 horas. Há um custo muito grande na coleta, limpeza e processamento;
 - d) Há espaço para melhorar a produção. Por exemplo, introduzindo mais liofilização no local poderia melhorar drasticamente a cadeia de valor, capturando (prendendo) os nutrientes, prolongando a vida útil e tornado o carregamento e o processamento final muito mais fácil, sendo que desse modo faz mais sentido, já que o produto seco será mais eficaz em crescimento no mercado internacional;
 - e) O crescimento no mercado internacional dificilmente manterá o ritmo forte observado na última década. Um dos analistas da Future Market Insights não acredita que o produto cresça continuamente porque agora há uma nova tendência por outros produtos, como grãos antigos, kombucha²² etc. e a indústria está explorando esses ingredientes da mesma forma que o açaí foi anteriormente;
 - f) O crescimento do mercado do açaí foi limitado pela capacidade natural do cultivo extrativista, ou seja, a quantas árvores crescem na natureza. O açazeiro não pode ser simplesmente cultivado em larga escala; ressaltando que as áreas para o produto extrativo na Amazônia vêm diminuindo, isto é, não crescendo;
 - g) A longo prazo, o açaí ainda será um ingrediente importante para as pessoas que procuram produtos saudáveis, mas não será igual àquele boom que aconteceu entre 2007 a 2010/11, quando tudo foi lançado com sabores de açaí. Continuará a crescer, porém, mais estavelmente.

²² A (ou o) kombucha (pronúncia: “kombutchá”), ainda, kombuchá, é uma bebida probiótica obtida, tradicionalmente, a partir da fermentação do chá da ***Camellia sinensis*** ou infusões ricas em cafeína (pelo método não tradicional)

Recentemente o jornal The Sydney Morning Herald publicou um artigo²³ mostrando o porquê do açaí estar em todos os cardápios de café da manhã. A tigela de açaí tornou-se, recentemente, o produto favorito do desjejum australiano e, no ano passado, dezenas de lojas especializadas com esta opção em seus menus se espalharam pelo país.

A publicação do periódico australiano levanta ainda a seguinte questão: atualmente há muito entusiasmo com o açaí, no entanto, assim que a novidade passar, continuará? Ou será que o açaí seguirá o caminho das lojas de bolo e cupcake-, lojas especializadas que desfrutaram de picos similares em popularidade antes de ver a demanda por suas mercadorias diminuir?

Respondendo a essa indagação, o co-fundador de uma cadeia de franquias australiana que comercializa açaí no país está otimista em relação ao potencial do fruto. Acredita-se que esse produto está no auge de sua atual onda de popularidade no país. A matriz dessa cadeia de franquias foi inaugurada no final de 2014, depois de aumentar o burburinho sobre o fruto entre sua clientela preocupada com a saúde. Quase quatro anos depois esta rede possui 25 lojas encontradas em quatro (Queensland, Nova Gales do Sul, Victoria e Austrália Ocidental) dos seis estados australianos.

A cadeia de franquias pretende ter até 80 pontos de vendas australianos até 2021 e espera levar a marca internacionalmente dentro de 18 meses. As taças de açaí custam de US \$ 11 a US \$ 16, e o cliente típico gasta de US \$ 16 a US \$ 20 por visita. O que impulsiona tal expansão e meta é o fato de haver ainda muitas populações que nem sabem o que é o açaí e, uma vez que elas conhecerem os benefícios do produto e o estilo de vida atrelado ao consumo do mesmo, definitivamente, essa onda de popularidade continuará.

Segundo, ainda, o artigo jornalístico, são necessários cinco anos para que uma “moda alimentar” se torne uma tendência genuína, citando Francis Loughran, fundador da consultoria Food and Hospitality Future Food. Enquanto a tigela de açaí pode ser o prato do dia para os jovens preocupados com a saúde, as empresas de alimentos, centradas em torno de um único produto, podem encontrar dificuldades a longo prazo. Para Loughran, apesar das tigelas de açaí

²³ Why açaí is on every breakfast menu right now. <https://www.smh.com.au/business/small-business/why-acai-is-on-every-breakfast-menu-right-now-20180207-h0uz41.html>. Acesso em: 13 de junho de 2018.

estarem se tornando populares, têm que estar ligadas a um menu maior, a fim de “sobreviver”. “Se um varejista paga o aluguel, ele precisa de uma variedade de itens que geram volume de negócios e não apenas um item”.

Esta é a mesma opinião, segundo ainda a reportagem, do consultor de franquias Mark Sherlock. “Espera-se que algumas lojas fechem, pois os cafés mais tradicionais adicionam um pouco de açaí ao cardápio”. Para ele “a percepção de que o produto é um alimento só de manhã também pode ser um impedimento para a longevidade” visto que estes estabelecimentos só têm uma oferta de café da manhã – “as pessoas não comem açaí no almoço e no jantar.”

Já dois empreendedores de Perth²⁴ assumiram uma posição de menor risco na popularidade contínua da tigela. No final de 2016 investiram US \$ 50 mil num caminhão de alimentos que oferece tigelas de açaí, suco, cafés e iguarias cruas, depois de viajarem de mochila pela América do Sul. A dupla tentou a sorte em mercados e eventos antes de conseguir uma posição permanente na região de South Perth em 2017, atendendo cerca de 1.000 clientes por semana – principalmente mães com filhos, jovens mulheres conscientes da saúde e a multidão da manhã.

As taças de açaí custam de US \$ 12 a US \$ 15 e a média de gastos com clientes é de US \$ 20, com o empreendimento a caminho de faturar US \$ 1 milhão este ano.

A dupla está interessada em expandir seu negócio, analisando os custos de vendas e despesas gerais para ter uma ideia se é viável no contexto de uma loja ou de várias lojas. Importar e distribuir açaí ou franchising, seu modelo de food truck, também são os próximos passos possíveis.

De acordo com informações da Market Research Store²⁵, com a desaceleração do crescimento econômico mundial, a indústria de açaí também sofreu um certo impacto, mas ainda manteve um crescimento relativamente otimista, nos últimos quatro anos. Acredita-se que, nos próximos anos, o tamanho do mercado de açaí será ainda mais expandido²⁶

²⁴ Perth é a capital e a maior cidade do estado australiano da Austrália Ocidental

²⁵ Market Research Store é uma companhia baseada nos Estados Unidos

²⁶ MARKET RESEARCH STORE. Disponível em: <https://www.marketresearchstore.com/report/global-acai-berry-market-research-report-2018-226677> >. Acesso em: 24 de julho de 2018.

Estima-se que dos alimentos processados que contêm açaí e lançados no mercado mundial nos últimos cinco anos, 22% são representados por sucos, 12% bebidas energéticas e esportivas, 9% lanches, 7% sobremesas e sorvetes, 5% na categoria láctea e 3% em doces e balas, sendo que Estados Unidos, Brasil e Canadá foram os países mais representativos no lançamento desses produtos, com, respectivamente, 30%, 19% e 8% de participação (Bezerra, V. S. et al, 2016)²⁷.

2.2. Mercado Nacional

O mercado do açaí é um mercado potencialmente em expansão devido ao apelo de alimento funcional com seu reconhecido poder antioxidante, e a inserção em cosméticos e formulações alimentícias como um ingrediente orgânico, influenciando positivamente na produção nacional de frutos (Bezerra, V. S. et al, 2016)²⁷.

O mercado varejista de açaí batido pode ser configurado em três segmentos: a) batedeira ou local onde o açaí é despulpado e vendido diretamente ao consumidor, representando 37% do mercado; b) microempreendedores com pontos de venda com marca específica, participando em 40%, e c) segmento de supermercado composto de redes, praças de alimentação em shoppings e pontos de venda em que o açaí é o produto principal, vez que a partir de 2002 conquistaram 23% desse mercado, representando um novo ponto de venda do produto (Bezerra, V. S. et al, 2016)

O mercado do açaí, tanto local quanto nacional e internacional, tem-se caracterizado por uma demanda crescente, que contribui para o aumento dos preços, favorecendo a exportação (Nogueira, A. K. M. & Santana, A. C., 2016²⁸).

²⁷ BEZERRA, N. I.; MOREIRA, T. M. V.; CAVALCANTE, B. J.; SOUZA, A. M.; SICHIERI, R. Consumo de alimentos fora do lar no Brasil segundo locais de aquisição. Revista de Saúde Pública. São Paulo, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v51/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872017051006750.pdf >. Acesso em: 24 de julho de 2018.

²⁸ NOGUEIRA, Ana Karlla Magalhães & Santana, Antônio Cordeiro (2016). Benefícios socioeconômicos da adoção de novas tecnologias no cultivo do açaí no Estado do Pará. Rev. Ceres, Viçosa, v. 63, n. 1, p. 001-007, jan-fev. 2016

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

A Tabela 1 apresenta os preços médios pagos aos produtores extrativistas pelo kg do açaí em seis estados brasileiros. De um modo geral, essa dinâmica diferenciada de variações de preços, negativas e positivas nos estados amazônicos é devida à existência de duas espécies de açaizeiro, cujas safras ocorrem em semestres distintos. A espécie *Euterpe precatória* ocorre nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia, com predominância de safra no segundo semestre. Já a espécie *Euterpe oleracea* é encontrada no Pará, Maranhão, Tocantins e Amapá, cuja produção concentra-se, geralmente, no primeiro semestre do ano.

De um modo geral, os estados do Acre, Amazonas e Rondônia apresentaram decréscimo nos preços recebidos pelos produtores extrativistas devido ao maior volume do produto ofertado na região. Já os valores registrados nos estados do Pará, Amapá e Maranhão sofreram incremento por causa da menor oferta do fruto do açaí nas praças onde foram comercializados.

Tabela 1 – Preço médio pago ao produtor extrativista pelo açaí (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	abr/17	mai/17	jun/17	abr/18	mai/18	jun/18				
Acre	1,57	1,55	1,52	1,30	1,23	1,29	-17%	-21%	-15%	1,60
Amapá	1,99	1,43	1,36	2,77	1,49	1,26	39%	4%	-7%	
Amazonas	1,58	1,43	1,43	1,34	1,41	1,38	-15%	-1%	-3%	
Maranhão	2,89	2,85	2,76	2,42	3,00	2,83	-16%	5%	3%	
Pará	2,38	2,62	2,96	3,37	3,30	3,09	42%	26%	4%	
Rondônia	2,50	2,50	2,61	2,00	2,63	2,50	-20%	5,20%	-4,21%	

Fonte: Siagro/Conab

AMÊNDOA DE ANDIROBA

Humberto Lôbo Pennacchio

Panorama nacional

Várias comunidades da Amazônia estão se beneficiando com a coleta e beneficiamento da andiroba (*Carapa guianensis* Aubl). No entanto, o mercado para uso cosmético e medicinal pode ser considerado uma demanda restrita perante o potencial de oferta da região.

O período ora analisado compreende a intersecção na época de coleta do produto, entre o mês de abril, alta estação, adentrando maio, início da baixa estação e terminando no mês de julho, esta é a realidade da grande maioria das áreas de coleta na região amazônica, apesar de existirem áreas isoladas onde foram observados frutos maduros ao longo do ano.

No que se refere ao aproveitamento desta matéria-prima pelas comunidades extrativistas, a maior atratividade está na obtenção do óleo, apesar da possibilidade de obtenção de outros subprodutos, tais como: madeira, casca, semente, bagaço (resíduo no processamento da semente) e biodiesel.

Em se tratando dos números de produção para a última safra, 2017, nos principais estados produtores, Amazonas, Pará e Rondônia está estimada no intervalo de 350 e 400 toneladas, segundo informações obtidas junto aos vários atores da cadeia produtiva.

Análise de mercado

A ausência de registros contendo informações confiáveis sobre a comercialização dos subprodutos derivados da andiroba nos mercados nacional e internacional, se configura como um grande entrave para o dimensionamento desta cadeia produtiva, o que facilitaria o processo de inserção socioeconômica de populações tradicionais, promovendo um desenvolvimento ordenado de toda a região, além de fixar essas populações em seus locais de origem e em condições dignas. Para que isso se transforme em realidade, é necessário transpor esses obstáculos que são as falhas de mercado.

A movimentação dos preços no transcorrer do trimestre analisado em relação ao mesmo período do ano anterior, apresenta uma queda nos preços nominais em ambos estados, que provavelmente se dá em decorrência de uma safra superior aos números do ano anterior. Como característica do produto, a

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

bienalidade pode ser um dos fatores a contribuir para esta queda nos preços. Outro fator ainda é a fragilidade, por parte dos extrativistas, na fixação do preço de comercialização, uma vez que em época de alta oferta este processo se torna ainda mais difícil.

Tabela 1 – Preços pagos ao Produtor – Andiroba (amêndoa) (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	Abr	Mai	Jun	Abr	Mai	Jun				
PA	1,01	1,07	1,30	0,77	0,79	0,80	-24%	-26%	-38%	R\$ 1,60
AM	SI	1,30	1,30	0,87	0,76	1,17	SI	-42%	-10%	

Fonte: Conab/Siagro

O comportamento dos preços recebidos pelo produtor extrativista foi plotado no **Gráfico 1**, abaixo.

Gráfico 1 - Preço Médio Amêndoa de Andiroba



Fonte: Conab/Siagro

AMÊNDOA DE BABAÇU

Ênio Carlos Moura de Souza

Preços

A amêndoa de babaçu nesse segundo trimestre de 2018 em geral apresentou aumento de preços pagos aos produtores na maior parte das praças pesquisadas pela Conab, na comparação com o mesmo período de 2017. A única exceção foi o estado do Maranhão, que registrou variações negativas em abril e maio deste ano, referentes aos mesmos meses do ano passado (tabela 1).

No primeiro semestre em geral é de se esperar que os preços tenham oscilações positivas, já que a oferta do produto tende a cair devido ao período de chuvas que dificulta a colheita e a quebra do coco. O IBGE já vem registrando, ao longo dos anos, uma tendência de queda acentuada na produção como um todo, o que corrobora com um ambiente de pressão altista, como está sendo verificado.

Tabela 1 – Preço pago ao produtor de amêndoa de babaçu (R\$/kg)

UF	Abr/17	Mai/17	Jun/17	Abr/18	Mai/18	Jun/18	Variações percentuais			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
CE	1,30	1,30	1,30	2,08	2,18	2,36	60%	68%	82%	R\$ 3,04
MA	1,75	1,75	1,70	1,66	1,73	1,76	-5%	-1%	4%	
PA	1,40	1,29	1,41	2,10	2,10	2,10	50%	63%	49%	
PI	1,91	1,91	2,30	2,47	2,47	2,50	29%	29%	9%	
TO	1,50	1,50	1,50	2,00	2,00	1,52	33%	33%	1%	

Fonte: Conab

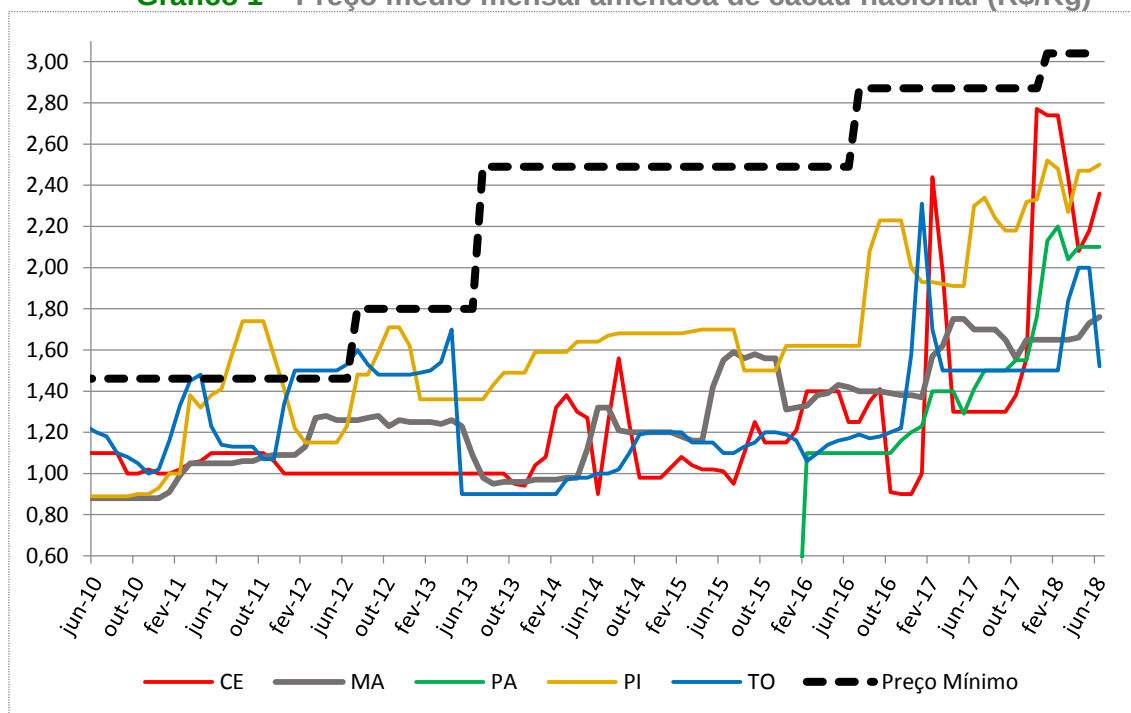
Em estados como o Piauí, por exemplo, o produto amêndoa, em alguns períodos, é muito concorrido pelas indústrias de beneficiamento do óleo, dos azeiteiros, cooperativas e as próprias quebradeiras que preferem beneficiar a amêndoa em azeite ao invés de vender toda a sua produção.

Quando as próprias quebradeiras de coco fazem o beneficiamento da amêndoa em azeite, a renda com esse trabalho tende a crescer. Um estudo superficial da Conab já demonstrou que o custo variável de produção (aquele que exclui o custo fixo, ou seja, não é considerado o investimento na estrutura necessária para produzir nem o espaço que ocupará), é menor que a receita

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

obtida da venda do azeite. Assim, é mais vantajoso para o grupo de quebradeiras, em geral, beneficiar e agregar valor ao trabalho com o babaçu.

Gráfico 1 – Preço médio mensal amêndoa de cacau nacional (R\$/Kg)



Fonte: Conab

As cidades maranhenses de Bacabal, Zé Doca, Caxias e Itapecuru Mirim apresentaram quedas nos preços pagos aos produtores extrativistas. Apenas em Viana o preço registrou alta de 20% em maio e 10% junho na comparação com 2017. Em relação ao patamar de preços, Caxias parece ser influenciado pelos praticados no Piauí, devido à proximidade e por ser o ofertante natural caso as indústrias piauienses demandem.

Tabela 1 – Preço pago ao produtor de amêndoa de babaçu (R\$/kg)

MA	Abr/17	Mai/17	Jun/17	Abr/18	Mai/18	Jun/18	Variações Percentuais			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
Bacabal	1,60	1,60	1,60	1,60	1,50	1,50	0%	-6%	-6%	R\$ 3,04
Caxias	2,50	2,40	2,20	2,00	2,10	2,10	-20%	-13%	-5%	
Itapecuru Mirim	1,38	1,50	1,50	1,50	1,20	SI	9%	-20%	SI	
Viana	1,50	1,50	1,50	1,50	1,80	1,65	0%	20%	10%	
Zé doca	1,50	1,50	1,50	1,50	1,10	1,20	0%	-27%	-20%	

Fonte: Conab

BORRACHA NATURAL EXTRATIVA

Humberto Lôbo Pennacchio

Panorama nacional

As últimas informações sobre a produção interna, especificamente a extrativa, dizem respeito ao ano de 2017 e são estimativas obtidas em consultas a vários elos da cadeia produtiva. Nos últimos três anos, a representatividade da produção extrativista, frente ao total de borracha produzida no país, foi de 1,3%. Traduzindo em números, a estimativa de produção para 2017 deverá sofrer uma redução em torno de 15%, comparada ao número de 2016 que foi de 1.202 toneladas, publicado pelo IBGE, em seu relatório anual da Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS). De um modo geral, a produção nacional de borracha tem se ajustado a nova conjuntura mundial de altos estoques, demanda retraída e, conseqüentemente, preços deprimidos.

O recente salto nos preços do petróleo bruto e a decisão dos principais países produtores de reduzir as exportações, não conseguiram levantar os preços da borracha natural. Após o Conselho Internacional de Borracha Tripartida, que compreende os três principais produtores mundiais de borracha natural - Tailândia, Indonésia e Malásia, ter decidido cortar as exportações em 350 mil toneladas até março, fizeram com que os preços apresentassem sinais de recuperação, o que foi revertido alguns dias depois.

Diante deste cenário, os reflexos na atividade extrativista da borracha natural tendem a ser mais expressivos, requerendo maior esforço da cadeia produtiva para superá-los, o que tem acontecido sob forma de estratégias diferenciadas a serem adotadas, objetivando agregação de valor ao produto oriundo da floresta. Dentre elas, pode-se destacar, a certificação, pagamento por serviços ambientais, comércio justo e o beneficiamento da matéria-prima.

Análise de mercado

Em sua análise do mercado, divulgada em maio, a Associação dos Países Produtores de Borracha Natural (ANRPC), sigla em inglês, informou que o consumo mundial de borracha natural deverá crescer "mais rápido que o esperado até um mês atrás". A perspectiva sobre o consumo em 2018 foi consideravelmente ampliada para a China e Índia, países que devem responder por 48% do consumo mundial da matéria-prima.

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

Para 2018, espera-se que a produção mundial de borracha natural alcance 14,2 milhões de toneladas, 6,4% a mais que no ano anterior. O consumo, da mesma forma, deverá ter o mesmo crescimento, 6,4%, atingindo 14,3 milhões de toneladas, disse a ANRPC, números bastante ajustados que, apesar das condições favoráveis acima descritos de oferta e demanda contribuem para uma recuperação marginal do mercado, apesar das condições desfavoráveis, causadas pelas tensões comerciais dos Estados Unidos e China, pelo alto nível de estoques mantidos pela China.

Analisando os preços internos, dispostos na tabela 1 abaixo, pode-se avaliar os reflexos das condições desfavoráveis do mercado, onde os preços foram levemente deprimidos no trimestre analisado em relação ao mesmo período do ano anterior. Como foi relatado anteriormente, esta queda nos preços, mesmo que pequena em termos percentuais, agravou uma situação que já preocupava a cadeia produtiva, influenciando diretamente a queda na produção,

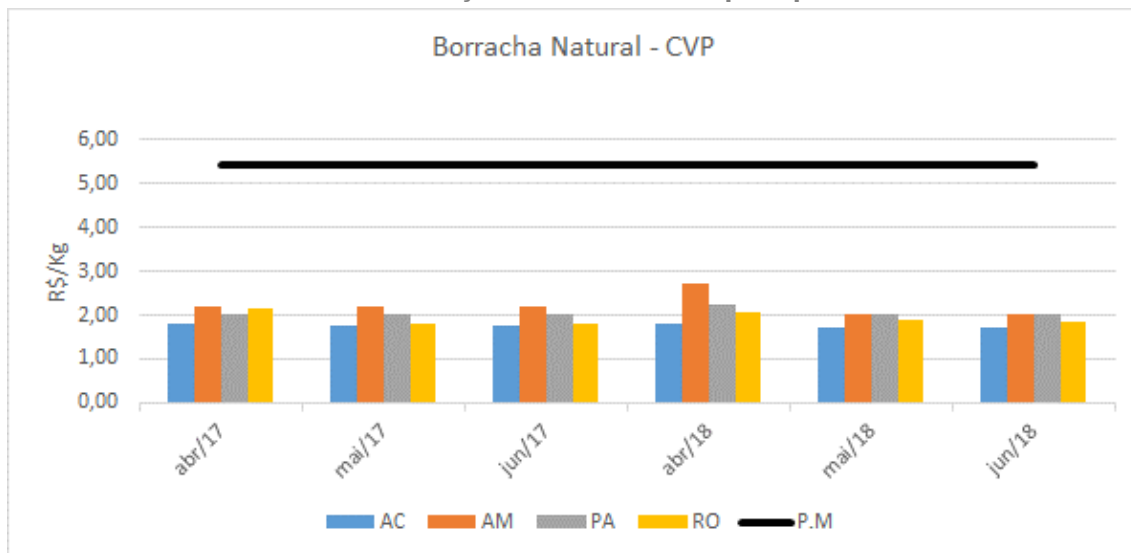
Tabela 1 – Preços pagos ao Produtor – Borracha Natural - CVP (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	Abr	Mai	Jun	Abr	Mai	Jun				
AC	1,78	1,76	1,76	1,80	1,71	1,71	1%	-3%	-3%	R\$ 5,42
AM	2,20	2,21	2,21	2,07	2,03	2,03	-6%	-8%	-8%	
PA	2,00	2,00	2,00	2,25	2,04	2,04	13%	2%	2%	
RO	2,14	1,78	1,80	2,05	1,88	1,85	-4%	6%	3%	

Fonte: Conab/Siagro

Para melhor visualizar a movimentação dos preços, observa-se no gráfico 1 sua estabilização em uma mesma faixa, com limite inferior em R\$ 1,75 e superior em R\$ 2,25, como pode ser notado com grande resistência de romper o limite superior, caso observado no Pará, que iniciou o trimestre atual com o valor máximo observado, R\$ 2,25, e a seguir caindo para R\$ 2,04 e mantendo-se. O caso do Amazonas é ainda mais contundente, pois, ao se comparar o trimestre anterior com o atual, observa-se a variação percentual negativa em todos os meses.

Gráfico 1 - Preço Médio recebido pelo produtor



Fonte: Conab/Siagro

BURITI

Ana Rita Lopes Farias Freddo

O buritizeiro (*Mauritia vinifera* e *M. flexuosa*) é, predominantemente, encontrado na região Norte, mas também aparece com frequência nos estados do Maranhão, Piauí, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais e Mato Grosso²⁹.

Do fruto do buriti se extrai o óleo de miriti, comestível e empregado na fritura de alimentos. A sua polpa é bastante apreciada, e após fermentação, fornece o vinho de buriti, consumido com açúcar e farinha de mandioca. Também é empregada no preparo de doces, sorvetes, picolés, refrescos, etc (Embrapa, 2005)³⁰.

Da polpa também se extrai um óleo com características organolépticas de sabor e aroma agradáveis, qualificados por um potencial de pró-vitamina A, que pode ter inúmeras aplicações na indústria de produtos alimentícios como corante natural de margarinas, queijos e algumas massas alimentícias. A cor avermelhada do óleo é usada como envernizantes de couro e pele. Também é remédio energético recomendado como vermífugo (Embrapa, 2005).

Análise do Mercado

Tabela 1 – Preço pago ao produtor extrativista pelo fruto do buriti (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	abr/17	mai/17	jun/17	abr/18	mai/18	jun/18				
Acre	SI	SI	SI	0,30	0,30	0,30	-	-	-	1,16
Amazonas	SI	SI	SI	0,78	0,75	0,68	-	-	-	
Pará	SI	SI	SI	1,18	1,18	1,18	-	-	-	
Roraima	SI	SI	SI	1,08	1,08	1,08	-	-	-	

Legenda: SI = Sem informação referente ao produto

Fonte: Siagro/Conab

²⁹ BARROS, Talita Delgrossi; JARDINE, José Gilberto. **Buriti**. Disponível em: <<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agroenergia/arvore/CONT000fbl23vmz02wx5eo0sawqe3flbr6im.html>>. Acesso em: 17 de julho de 2018.

³⁰ EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Buriti (*Mauritia flexuosa* L.). Embrapa Rondônia. Porto Velho, Rondônia. Agosto de 2005.

A Tabela 1 apresenta os preços médios pagos aos produtores extrativistas, pelo kg do fruto do buriti, em quatro estados brasileiros. O acompanhamento dos preços recebidos pelos produtores extrativistas deu-se à partir de abril do presente ano e, por isso, não é possível estabelecer uma relação dos valores observados em 2018 com os de 2017. Entretanto, de acordo com o período analisado, verifica-se que os preços praticados nas três das quatro praças de comercialização, excetuando-se o estado do Pará, encontram-se bem abaixo do preço mínimo estabelecido pelo Governo Federal, sendo os menores e os maiores valores observados nos estados do Acre e Pará, respectivamente. Segundo a Superintendência Regional da Conab, no Acre, o preço repassado aos extrativistas pelo fruto do buriti, na safra passada, foi próximo ao atual.

Vale ressaltar que, no Vale do Juruá, o buritizeiro é muito explorado pelas comunidades extrativistas locais. O alto e constante volume ofertado acaba estagnando o preço pago pelo produto.

CACAU

Enio Carlos Moura de Souza³¹

O cacau (Theobroma cacao L.) é uma espécie arbórea tropical, encontrado em florestas úmidas Americanas, com origem no continente americano, nas bacias do Amazonas e do Orenoco, também conhecido como árvore do chocolate, cacao e outros. Acredita-se que o nome científico atribuído por Linnaeus ao cacau “Theobroma” foi este pois, significa “alimento dos deuses”, e remete à história do cacau que já era cultivado pelos povos maias e astecas na América Central, e utilizado em rituais e cerimônias religiosas. O povo asteca acreditava que o próprio profeta “Quatzalcault” ensinou-os como cultivar o cacau, além disso preparavam uma bebida espumante a partir das sementes, chamada “xocolat”, para servir o imperador da época. As sementes tão valiosas, eram utilizadas como moedas na época.³²

Diz-se que o cacau foi se expandindo em duas direções e deu origem a duas espécies da planta. O Cacau Criollo que ocorre no sul do México e na América Central, até o Norte da Venezuela e Bolívia, e o Cacau Forastero que se espalhou através do Rio Amazonas, e pode ser encontrado na América do Sul, África e Ásia. Existe, ainda, o Cacau Trinitário que ocorreu da junção das demais espécies. Além de existir de forma natural na Amazônia, o cultivo no Brasil foi ordenado por uma carta régia em 1678, e a planta se desenvolveu muito bem no clima e solo do sul da Bahia, contribuindo com o desenvolvimento da região³³.

PREÇOS

Desde meados de 2017 os preços pagos aos produtores no Brasil têm acompanhado o movimento de alta dos mercados mundiais. A safra 2016/17 teve resultados melhores do que o esperado e a queda dos preços naquela ocasião proporcionou maiores preços nessa safra, que deve diminuir a quantidade produzida. A tabela 1 apresenta os preços pagos aos produtores nos principais estados produtores.

³¹ Colaboração: Pamela Bispo da Silva.

³² COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA. Cacau História e Evolução. Disponível em: <http://www.ceplac.gov.br/radar/radar_cacau.htm>. Acesso em: 15 jan. 2018.

³³ FERREIRA, Adriana. C. R. et al. Guia de Beneficiamento de Cacau de Qualidade Instituto Cabruca. Ilhéus, Bahia: 2013 52 p.: il.

Tabela 1 – Preço pago ao produtor de amêndoa de cacau (R\$/kg)

UF	Abr/17	Mai/17	Jun/17	Abr/18	Mai/18	Jun/18	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C
AM*	4,68	4,70	4,55	4,78	4,75	4,75	2%	1%	4%
PA	6,38	6,13	6,70	9,50	10,75	10,40	49%	75%	55%
BA	6,72	6,87	7,05	10,43	11,51	11,06	55%	68%	57%
RO	6,20	6,09	6,34	8,79	10,06	9,05	42%	65%	43%
ES	7,92	7,04	7,08	9,96	11,33	10,64	26%	61%	50%

Fonte: Conab

Nota: Cacau nativo

Ainda, sobre os movimentos dos preços, as bolsas de Nova Iorque e Londres já começaram a negociar preço da tonelada de amêndoa de cacau abaixo dos patamares recentes, ou seja, é esperada uma tendência de queda nos preços nas próximas semanas, mas ainda é muito cedo para saber até onde esse movimento de queda pode impactar os preços no Brasil, nos próximos meses.

Como é possível ver no gráfico 1, os preços pagos aos produtores vêm reagindo ao período de queda recente, voltando a patamares de maio e julho de 2016, apesar da leve queda entre maio e junho deste ano. O estado do Amazonas ainda apresenta preços muito abaixo dos outros estados e com pequenas variações. Sobre isso, segue trecho do relato do técnico da regional da Conab no Amazonas, Pedro Jorge Benício Barros:

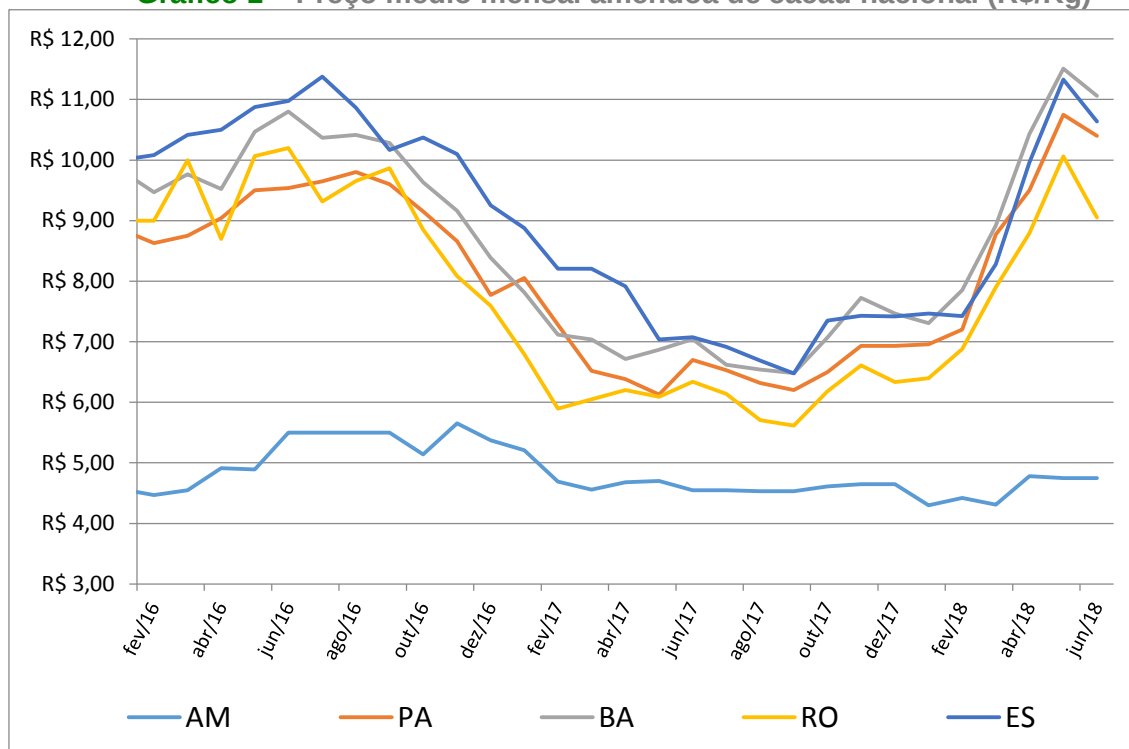
“Essa grande diferença entre os preços do Amazonas e do restante do país, pode ser explicada pelo fato da cadeia produtiva estar muito dependente da participação dos atravessadores, que atuam na compra/aviamento da produção dos agricultores ribeirinhos. Aliadas a isso, temos as grandes distâncias entre os principais municípios produtores de cacau e os centros compradores (Bahia e Pará), atuando negativamente na elevação do chamado “custo amazônico” e reduzindo os ganhos dos nossos agricultores.

Nessa realidade, quanto menos “eficiente” for a logística para escoamento da produção, menor será o preço pago ao agricultor de acordo

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

com a calha do rio em que este se encontra³⁴, contendo a variação do preço pago em alguns municípios do Amazonas”.

Gráfico 1 – Preço médio mensal amêndoa de cacau nacional (R\$/Kg)



Fonte: Conab

Já quanto às operações de subvenção da PGPMBio, a Conab tem a expectativa de receber demandas por parte dos extrativistas de cacau, dado que o preço pago aos produtores está abaixo do preço mínimo estabelecido pelo Governo Federal, que leva em consideração vários parâmetros, sendo o principal deles o custo variável de produção, que no caso dos extrativistas é muito influenciado pelas horas trabalhadas. Nos últimos levantamentos feitos pela Conab, o preço pago ao produtor não tem sido suficiente para cobrir os custos variáveis inerentes a atividade no Amazonas.

Tabela 2 – Preço pago ao produtor de amêndoa de cacau (R\$/kg)

UF	Abr/17	Mai/17	Jun/17	Abr/18	Mai/18	Jun/18	Variações percentuais			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	

34 Principais Calhas do Amazonas para escoamento da produção de cacau: Calha do rio Solimões: municípios de Coari e Codajás / calha do rio Purus: Boca do Acre, Pauini e Lábrea calha do rio Madeira: Borba e Nova Olinda do Norte / calha do rio Amazonas: Itacoatiara e Urucurituba.

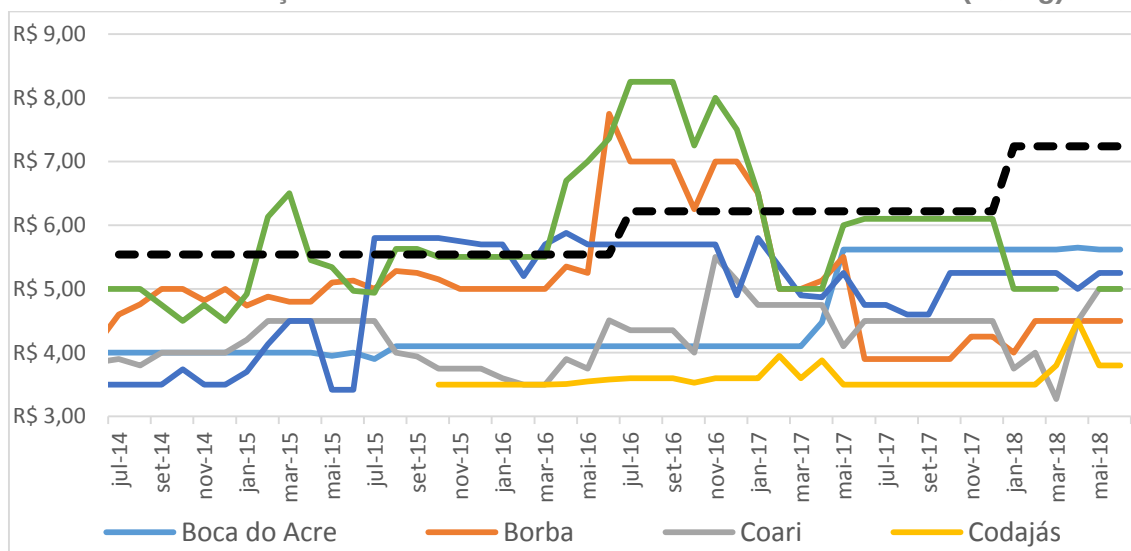
Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

Boca do Acre	4,48	5,62	5,62	5,65	5,62	5,62	26%	0%	0%	7,24
Borba	5,13	5,50	3,90	4,50	4,50	4,50	-12%	-18%	15%	
Coari	4,75	4,10	4,50	4,50	5,00	5,00	-5%	22%	11%	
Codajás	3,88	3,50	3,50	4,50	3,80	3,80	16%	9%	9%	
Humaitá	4,87	5,25	4,75	5,00	5,25	5,25	3%	0%	11%	
Manicoré	5,00	6,00	6,10	0,00	5,00	5,00	-100%	-17%	-18%	

Fonte: Conab

Nota: Cacau nativo

Gráfico 2 – Preço médio mensal da amêndoa de cacau nacional (R\$/Kg)



Fonte: Conab

De acordo com os relatos iniciais deste trabalho, os preços internacionais vêm em tendência de alta (apesar da queda de preço registrada em maio e junho), puxada pela produção mais baixa da atual safra em relação à safra passada e o crescimento da demanda, expressado pela estimativa de moagem da amêndoa. Abaixo, o gráfico 3 apresenta a média de preços nas bolsas de Londres e Nova Iorque de amêndoa de cacau.

Gráfico 3 – Preço médio mensal amêndoa de cacau – Bolsa de valores (US\$/Ton).



Fonte: ICCO. Média de preços observada nas bolsas de Londres e NY.

PRODUÇÃO

A produção de cacau, prevista pelo ICCO – *international cocoa organization*, para a safra 2017/18 é de 4,5 milhões de toneladas em todo mundo, significando, assim, uma queda de 3,3% em relação à safra passada, porém, ainda uma safra em patamares mais altos em relação às safras 2014/15 e 2015/16. A queda da presente safra é influenciada, principalmente, por Gana, segundo maior produtor mundial, que registra diminuição de 9,2% em relação à safra anterior. Os dados seguem resumidos na tabela 3.

Tabela 3 – Produção de amêndoa de cacau (mil toneladas)

Amêndoa Cacau	2014/15		2015/16		2016/17*		2017/18**	
África	3.074	72,3%	2.923	73,1%	3.625	76,4%	3.490	76,1%
Camarão	232	5,5%	211	5,3%	246	5,2%	240	5,2%
Costa do Marfim	1.796	42,2%	1.581	39,6%	2.020	42,6%	2.000	43,6%
Gana	740	17,4%	778	19,5%	970	20,4%	880	19,2%
Nigéria	195	4,6%	200	5,0%	245	5,2%	240	5,2%

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

Outros	111	2,6%	153	3,8%	145	3,1%	130	2,8%
América	777	18,3%	677	16,9%	739	15,6%	748	16,3%
Brasil	230	5,4%	141	3,5%	174	3,7%	170	3,7%
Equador	261	6,1%	232	5,8%	270	5,7%	260	5,7%
Outros	286	6,7%	305	7,6%	295	6,2%	318	6,9%
Ásia e Oceania	400	9,4%	397	9,9%	379	8,0%	349	7,6%
Indonésia	325	7,6%	320	8,0%	290	6,1%	260	5,7%
Papua Nova Guiné	36	0,8%	36	0,9%	40	0,8%	40	0,9%
Outros	39	0,9%	41	1,0%	49	1,0%	49	1,1%
Mundial	4.251	100,0%	3.997	100,0%	4.744	100,0%	4.587	100,0%

Legenda: *Estimado, **Previsão

Fonte: ICCO

Enquanto a produção registra queda de 3,3%, a moagem, um dos indicadores da demanda por chocolates no mundo, cresce 3%, chegando ao maior patamar dos últimos 4 anos, o que corrobora com o movimento de alta de preços que vem sendo registrado recentemente.

Tabela 4 – Moagem de amêndoa de cacau

Amêndoa Cacau	2014/15		2015/16		2016/17*		2016/17**	
Europa	1.551	37,3%	1.595	38,6%	1.627	37,0%	1.678	37,0%
Alemanha	415	10,0%	430	10,4%	410	9,3%	425	9,4%
Holanda	503	12,1%	534	12,9%	565	12,8%	585	12,9%
Outros	633	15,2%	631	15,3%	652	14,8%	668	14,7%
África	876	21,1%	767	18,6%	901	20,5%	951	21,0%
Costa do Marfim	558	13,4%	492	11,9%	577	13,1%	595	13,1%
Gana	234	5,6%	202	4,9%	250	5,7%	280	6,2%
Outros	84	2,0%	74	1,8%	73	1,7%	75	1,7%
América	878	21,1%	889	21,5%	884	20,1%	889	19,6%
Brasil	224	5,4%	225	5,5%	227	5,2%	230	5,1%
EUA	400	9,6%	398	9,6%	390	8,9%	390	8,6%
Outros	255	6,1%	266	6,4%	267	6,1%	269	5,9%
Ásia e Oceania	849	20,4%	876	21,2%	989	22,5%	1.014	22,4%
Indonésia	335	8,1%	382	9,3%	455	10,3%	476	10,5%

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

Malásia	195	4,7%	194	4,7%	216	4,9%	225	5,0%
Outros	318	7,7%	301	7,3%	318	7,2%	313	6,9%
Mundial	4.154	100,0%	4.127	100,0%	4.400	100,0%	4.531	100,0%
Moagem na origem	1870		1802		2029		2111	

Legenda: *Estimado, **Previsão

Fonte: ICCO

CASTANHA DO BRASIL

Humberto Lôbo Pennacchio

Panorama nacional

Após um ano de abrupta queda na safra, agravada por questões climáticas, neste ano de 2018 a coleta se normalizou. O evento ocorrido no ano passado provocou uma queda no volume coletado, estimado em 60%, se comparado ao ano anterior, 2016, provocando desabastecimento em toda a cadeia produtiva e, consequentemente, perda de renda para o extrativista. Esta estimativa, se confirmada, se configurará como a menor safra desde 1997, uma vez que nos últimos cinco anos a média foi de 38.000 toneladas, segundo dados oficiais divulgados pelo IBGE.

Análise de mercado

O movimento de retorno dos preços a patamares mais realísticos, iniciado no começo desta safra, em dezembro, ganhou força neste segundo semestre, como demonstrado na tabela 1, com reduções de 85%, como foi o caso do Amapá, onde os preços no auge da escassez do produto no período anterior foram inflados a patamares altíssimos por compradores que necessitavam honrar contratos assumidos com clientes de primeira linha. No caso do Acre e Rondônia, essas reduções foram menores, uma vez que no final da safra passada, nesta mesma época, já não havia mais produto.

A escassez do produto, provocada pela queda na produção, fez com que o preço internacional no principal mercado, o Reino Unido, também atingisse níveis altos uma vez que no início da safra, novembro 2016 o preço FOB Reino Unido, estava cotado na média a US\$ 9,24 por quilo. Com o agravamento do fornecimento o mesmo já atingia a média de US\$ 20,55 por quilo, no pico da safra, em maio 2017, permanecendo nestes patamares até novembro, quando começou a curva descendente a níveis mais baixos, estabilizando nos atuais US\$ 12,17 por quilo.

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

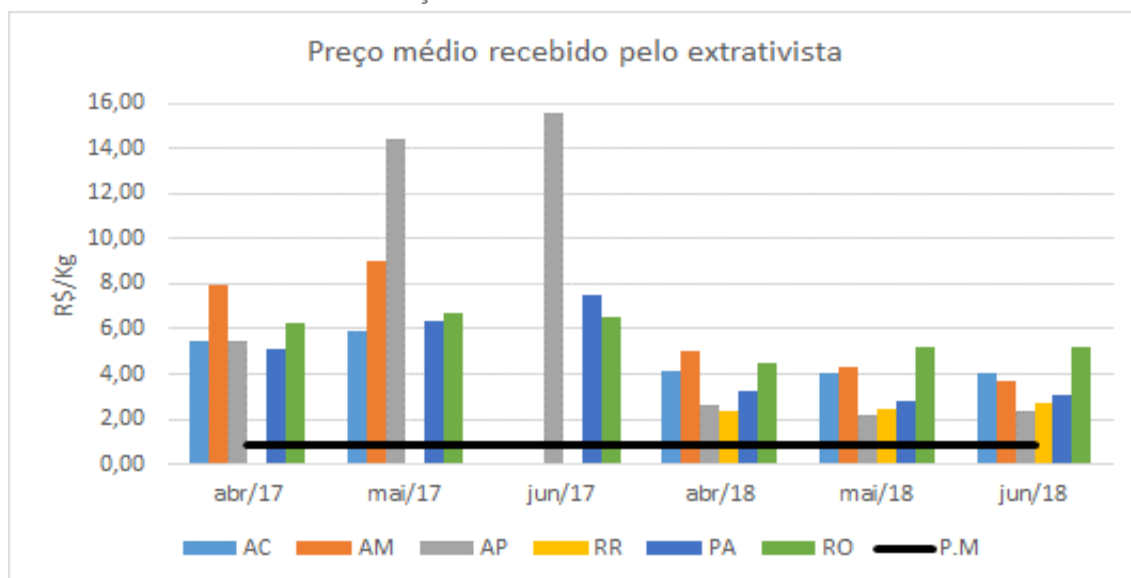
Tabela 1 – Preços pagos ao Produtor – Castanha do Brasil (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	Abr	Mai	Jun	Abr	Mai	Jun				
AC	5,49	5,93	SI	4,17	4,00	4,00	-24%	-33%	SI	R\$ 0,89
AM	7,97	9,04	SI	5,01	4,34	3,71	-37%	-52%	SI	
AP	5,50	14,43	15,55	2,63	2,20	2,40	-52%	-85%	-85%	
RR	SI	SI	SI	2,38	2,43	2,68	SI	SI	SI	
PA	5,08	6,36	7,47	3,28	2,76	3,04	-35%	-57%	-59%	
RO	6,23	6,72	6,57	4,48	5,23	5,17	-28%	-22%	-21%	

Fonte: Conab/Siagro

No gráfico 1, foram plotados os valores da tabela acima para uma melhor visualização do movimento dos preços internos no segundo trimestre de 2017, comparativamente ao segundo trimestre de 2018, demonstrando, através das linhas, o primeiro período de desabastecimento do produto e logo a seguir, a fase de retomada e normalização do abastecimento.

Gráfico 1 – Preço Médio Castanha do Brasil em casca

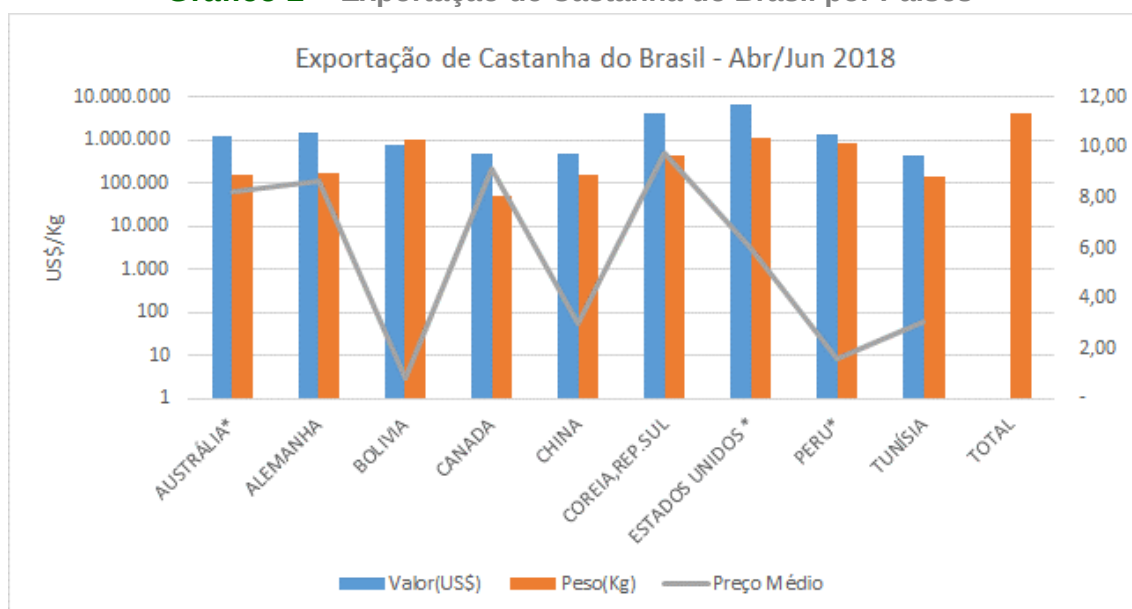


Fonte: Conab/Siagro

A exportação no trimestre analisado acompanhou a recuperação da safra, pois o volume negociado no período, 4.118 toneladas, se equipara a quase totalidade do volume exportado em 2017, que atingiu 4.200 toneladas. Esta recuperação, assim como a qualidade do produto final, despertou o interesse de novos clientes, que aumentaram os volumes, como demonstrado no Gráfico 2.

Outra característica importante a ser mencionada foi a mudança na característica do produto importado por determinados países, que anteriormente importavam pequenos volumes, com maior valor agregado, produto seco e sem casca. Além de aumentarem o volume adicionaram o produto seco e com casca, como é o caso do Peru, China e Estados Unidos, este último fracionou as suas importações a razão de 55% para o produto com casca e 45% para o produto sem casca. Para o produto com casca, o preço médio alcançado foi de U\$ 2,09 por quilo, enquanto o produto sem casca atingiu a média de U\$ 9,39. Valores para a modalidade FOB.

Gráfico 2 – Exportação de Castanha do Brasil por Países



Fonte: Mdic/Comex Stat

JUÇARA

Ana Rita Lopes Farias Freddo

Para a elaboração da presente conjuntura, há de se informar que os dados utilizados foram fornecidos pelas Superintendências Regionais da Conab em Santa Catarina e Rio de Janeiro.

Em Santa Catarina, a palmeira juçara é encontrada em municípios ao longo do litoral e seus vizinhos, com baixa altitude, onde o clima não sofre grandes variações em termos de temperatura. Desenvolve-se na Mata Atlântica e parte da Floresta Ombrófila Densa, as quais se estendem desde o Litoral Norte até o Sul, avançando para o interior, mas limitada ao clima de altitude.

Os municípios de Resende (RJ), Ubatuba (SP) e estado de Minas Gerais possuem safras em períodos diferentes. Com isso, os extrativistas circulam por essas localidades permitindo a coleta ao longo do ano. Nesse caso, a relação de parceria entre os extrativistas e os proprietários da terra é a meia, onde há o processamento no local e os coletores voltam à sua origem com o produto congelado.

No Rio de Janeiro, a produção dos municípios de Resende e Itatiaia é muito grande, quando comparada com a capacidade atual de extração do fruto, pois, o produto é endêmico da região, o que também influencia no problema da extração ilegal do palmito, preocupando tanto os extrativistas do fruto da juçara como as autoridades responsáveis pela preservação do meio ambiente.

Em Angra dos Reis (RJ), a extração do fruto de juçara tem sido estimulada, considerando a demanda do produto para a merenda escolar.

Análise do Mercado

Em Santa Catarina, a comercialização dos frutos é feita, atualmente, por duas agroindústrias de polpa de frutas localizadas no Litoral Norte e Grande Florianópolis. As duas absorvem a produção local e de outros municípios, trazendo, também, polpa de açaí da Região Norte, a qual é misturada à juçara e comercializada no litoral, principalmente durante o verão.

A atuação das agroindústrias em relação ao fruto da juçara depende da demanda pelo produto beneficiado (polpa), o qual é ofertado em estabelecimentos comerciais para consumo direto, na forma de vitaminas, junto com outras frutas. Desta forma, em alguns casos, as empresas podem deixar de

adquirir o fruto em determinados anos devido ao alto estoque de safras anteriores.

Em Paraty (RJ), encontram-se três tipos de atividade na rede de produção da juçara: 1) os produtores/proprietários; 2) os responsáveis pela extração e pelo manejo e 3) os produtores da polpa de fruta. É evidente que os atores podem executar uma, ou até mesmo, todas as atividades da rede. Entre aqueles que extraem o fruto encontram-se os que possuem e os que não possuem despulpadoras. Existem, também, atores de outros municípios que estão envolvidos com a produção em terras paratynenses. Por exemplo, uma cooperativa de Ubatumirim, localizada em Ubatuba (SP) e outra de Mambucaba, de Angra dos Reis (RJ), extraem e compram o produto local.

Em Paraty (RJ), o produtor executa o processamento com a finalidade de produção de barras congeladas, gerando um produto similar à polpa do açaí. Para isso, tem uma despulpadora para o processamento e um freezer para congelamento e armazenamento. Cabe destacar que há a dificuldade para recrutar mão de obra para a extração do fruto visto que, em muitos casos, os frutos encontram-se a uma altura superior a 10 m, de uma palmeira com pouca espessura. Existem compradores de Ubatuba (SP) que adquirem o fruto da juçara por um valor inferior ao praticado na região, mas, executam todo o trabalho de extração e transporte.

Em Paraty (RJ), a comercialização do produto processado é feita na modalidade varejo. Muitos compradores se dirigem à propriedade para a aquisição de barras de 1 kg, incluindo lanchonetes que comercializam açaí na tigela na cidade. O produtor também leva as barras congeladas para venda na feira, mas o preço de comercialização é o mesmo. Cabe destacar que a grande maioria dos compradores ainda opta pela aquisição do açaí do Pará.

Já em Itatiaia, a produção e comercialização do produto na localidade está intimamente ligada aos atores do município de Resende.

A Tabela 1 apresenta os preços médios pagos aos produtores extrativistas, pelo kg do fruto da juçara, em quatro estados brasileiros. No estado do Rio Grande do Sul não houve variação dos preços no segundo trimestre de 2018 e, em relação aos preços de 2017, visto a oferta-demanda ser regular. Já em 2018, a safra da juçara em Santa Catarina foi maior que a de 2017, não registrando problemas climáticos como no ano anterior. Com maior volume ofertado esse ano, os preços catarinenses declinaram. Em São Paulo, a colheita do fruto da juçara começa em maio, com menor volume ofertado e, por isso, os preços

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

tendem a variar positivamente. Já em junho, a quantidade comercializada tende a ser maior e, conseqüentemente, os preços caem. Em relação às Minas Gerais, o acompanhamento dos preços recebidos pelos produtores extrativistas deu-se à partir de maio do presente ano e, por isso, não é possível estabelecer uma relação dos valores observados atualmente com os valores do ano passado. Entretanto, um alto e constante volume ofertado da juçara, não só nessa safra mas nas anteriores, pode definir o porquê de se ter um valor tão baixo nesse estado, assim como a presença de um único comprador na região.

Tabela 1 – Preço médio pago ao produtor extrativista pelo fruto da juçara (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	abr/17	mai/17	jun/17	abr/18	mai/18	jun/18				
Rio Grande do Sul	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	2,00	0%	0%	0%	2,57
Santa Catarina	SI	3,50	3,50	1,78	1,78	1,78	-	-49%	-49%	
São Paulo	SI	3,30	3,42	2,50	3,50	3,00	-	6%	-12%	
Minas Gerais	SI	SI	SI	SI	0,50	0,50	-	-	-	

Legenda: SI = Sem informação referente ao produto

Fonte: Siagro/Conab

MANGABA

Enio Carlos Moura de Souza³⁵

Introdução

A mangabeira (*Hancornia speciosa*) é uma árvore frutífera da família Apocynaceae, nativa de clima tropical e que pode ser encontrada em várias regiões do país, desde os Tabuleiros Costeiros e Baixadas Litorâneas do Nordeste, onde é mais abundante, até os cerrados das regiões Centro-Oeste, Norte e Sudeste, e em áreas de Caatinga. Embora a mangabeira seja uma planta produtora de látex, o seu fruto, de sabor e aroma bastante apreciados, é o principal produto explorado, sobretudo pelas indústrias de polpas, sucos e sorvetes. Algumas partes da planta têm aplicação na medicina popular, como a casca, a folha e as raízes³⁶. O fruto tem formato de pera, muito viscoso quando verde. Contém suco leitoso que não deve ser consumido pois pode trazer riscos à saúde. A polpa é comestível, branca e fibrosa. Maduro, o fruto tem casca amarelada com manchas vermelhas, é aromático, delicado, e tem ótimo sabor, mesmo sendo ainda um pouco viscoso³⁷.

A produção de mangaba é proveniente quase que totalmente do extrativismo praticado por populações tradicionais, constituídas, em sua maioria, por mulheres autodenominadas “catadoras de mangaba”³⁸. As principais dificuldades encontradas pelas catadoras estão relacionadas à monocultura, - plantio de cana de açúcar e eucalipto, acarretando na derrubada das áreas de cultivo das mangabeiras – e as cercas colocadas pelos grandes produtores, reduzindo e dificultando o acesso das catadoras às regiões de extração.

Apesar da mangabeira ser encontrada nas regiões Norte, Sudeste e Centro-Oeste, a região Nordeste é a principal região produtora de mangaba, tendo produzido no ano de 2016, cerca de 744 toneladas do fruto, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Ainda, segundo este Instituto, o estado responsável pela maior quantidade produzida foi a

³⁵ Colaboração de Pamela Bispo da Silva e Luiz Felipe Melo Gonzaga.

³⁶ EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. Mangaba. Disponível em: <<http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/mangaba>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

³⁷ PORTAL SÃO FRANCISCO. Mangabeira. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/mangabeira>>. Acesso em: 11 jan, 2018 às 14:35.

³⁸ EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Sistema de Produção de Mangaba para a Região Nordeste do Brasil**. Disponível em: <<https://www.spo.cnptia.embrapa.br>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

Paraíba com 246 toneladas, seguida de Sergipe com 190 toneladas e na sequência, Minas Gerais com 177 toneladas.

A comercialização do fruto ocorre a partir da venda direta aos consumidores em barracas nos mercados e feiras livres. Os catadores de mangaba também repassam o produto para intermediários que distribuem a fruta nos mercados centrais, Ceasas, fábricas de polpas, sorveterias e lanchonetes. Da mesma forma, é comum catadores de mangaba atuarem como intermediários no processo, estabelecendo elos entre outros catadores e os canais de comercialização do produto. Outra estratégia adotada por extrativistas de mangaba é a venda do fruto por meio de cooperativas e associações. Além do uso culinário do fruto, as folhas têm sido utilizadas em pesquisas pela indústria farmacêutica para o tratamento de hipertensão, diabetes e inflamações vasculares.

Preços

O segundo trimestre do ano é marcado para ser o fim da safra da mangaba a nível nacional. Todavia, as safras de produtos nativos, em geral, são muito irregulares e esse produto apresenta essa irregularidade, principalmente em função das chuvas. Se forem poucas, a planta tem dificuldades em florescer e se forem muitas, a catação fica comprometida e parte da produção da mangabeira é perdida.

Houve comercialização do produto na Paraíba nos meses de abril a junho, tanto em 2017 quanto em 2018. Na média, o preço aumentou 10% nesse período. No Rio Grande do Norte a comercialização se deu no ano passado, no entanto, neste ano, não se conseguiu contatos com informantes sobre a comercialização do produto na região de Goianinha. No Sergipe ocorreu a situação inversa (tabela 1)

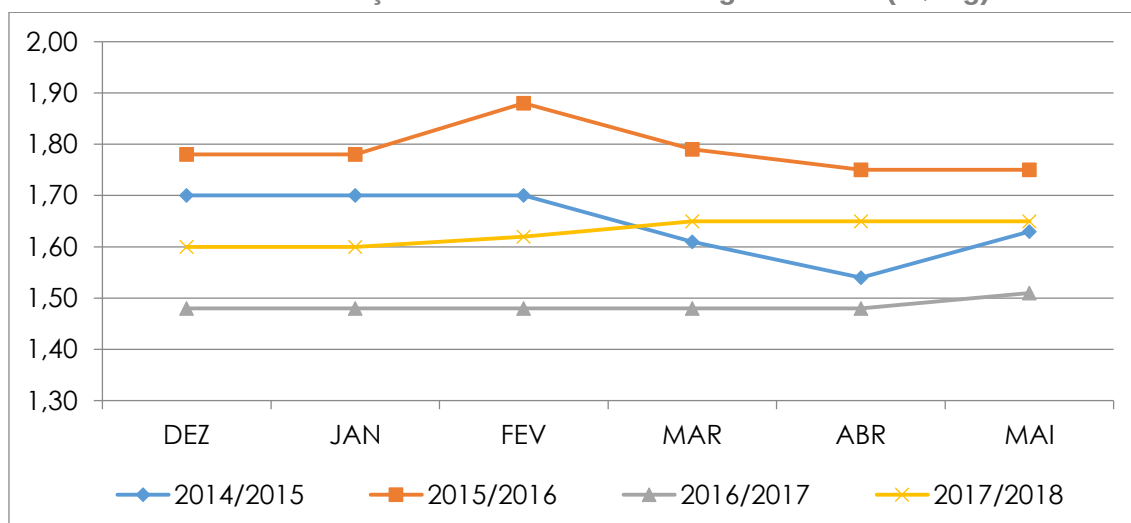
Tabela 1 – Preço pago ao produtor de mangaba (R\$/kg)

UF	1º TRIMESTRE DE 2017			1º TRIMESTRE DE 2018			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	
	ABR	MAI	JUN	ABR	MAI	JUN	
PB	1,48	1,51	1,53	1,65	1,65	1,65	R\$ 2,29
RN	2,30	2,30	2,30	SI	SI	SI	
SE	SI	SI	SI	2,00	2,75	2,82	

Fonte: Conab

Na comparação dos preços durante as últimas safras na Paraíba, a safra 2017/18 demonstrou recuperação em relação à safra passada. As oscilações foram menores e o patamar de preços, mais alto.

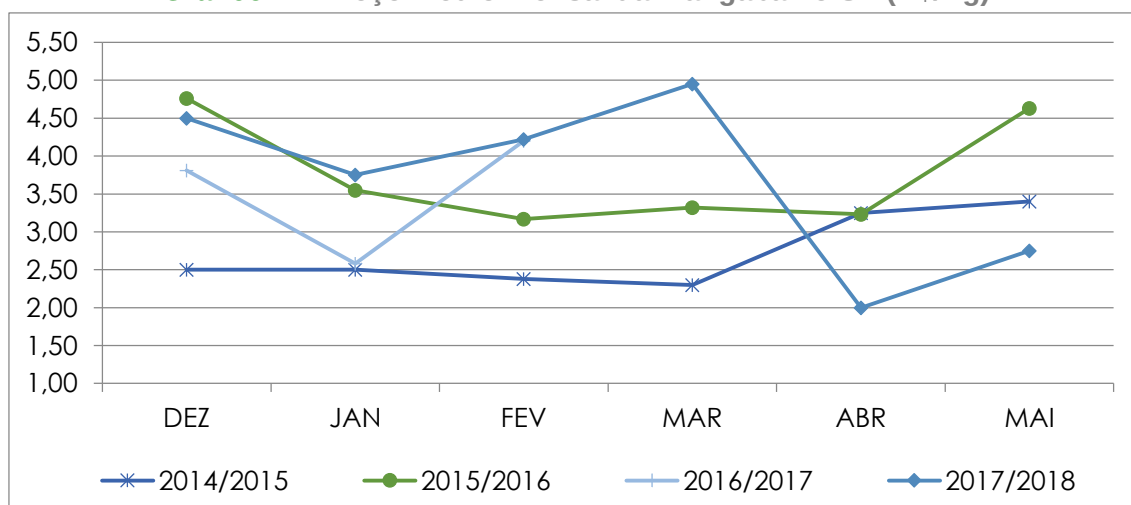
Gráfico 1 – Preço médio mensal da mangaba na PB (R\$/Kg)



Fonte: Conab

Já no Sergipe o período de safra atual sofreu com variações maiores do que as comumente observadas em safras passadas. O excesso de chuvas em algumas praças produtoras ocasionou tanto a maior produtividade da planta quanto maiores dificuldades em fazer a coleta.

Gráfico 2 – Preço médio mensal da mangaba no SE (R\$/Kg)



Fonte: Conab

PIAÇAVA

Ana Rita Lopes Farias Freddo

A atividade piaçaveícola é basicamente familiar, existindo pouca forma de organização empresarial. Embora tradicional, mas em conformidade com a realidade regional, a atividade detém importância socioeconômica muito grande, já que se constitui num fator de geração de emprego e renda para os extrativistas, permanecendo até os tempos atuais³⁹.

Análise do Mercado

De um modo geral, a compra da fibra da piaçava é realizada por intermediários que, posteriormente a revendem, prioritariamente às instalações de unidades artesanais de fabricação de vassouras. Outra alternativa para obtenção de valor agregado da produção refere-se à fabricação de “pentres” de piaçava⁴⁰.

Há ainda uma pequena parte da produção de fibras de piaçava oriunda da Bahia, que é destinada à exportação para os tradicionais países compradores, como Alemanha e Bélgica. Porém, esse mercado internacional é altamente seletivo e exige uma padronização da fibra que é estabelecida pelas indústrias europeias. A qualidade da matéria-prima tem de estar de acordo com a necessidade do cliente em relação, por exemplo, ao comprimento da fibra, permitindo neste caso, atingir um preço muito superior ao valor pago pela arroba da piaçava, quando comercializada no sistema de venda nas fazendas ou entrepostos de intermediários.

Em se tratando, ainda, das exportações, conforme já relatado em outras conjunturas, não há como dimensionar o volume de piaçava exportado, visto que o mesmo se encontra inserido no item matérias vegetais das espécies, basicamente as utilizadas na fabricação de vassouras, escovas, pincéis e artigos semelhantes (por exemplo: sorgo, piaçava, raiz de grama, tampico) mesmo

³⁹ MELO. José Roberto Vieira de. **Potencial de utilização da fibra e subprodutos da piaçaveira**. <http://www.ceplac.gov.br/radar/Artigos/artigo13.htm> >. Acesso em: 23 de julho de 2018

⁴⁰ Pentres de piaçava são estruturas de madeira de madeira e borra, utilizadas em coberturas na construção civil

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

torcidas ou em feixes, de acordo com categorização do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços – MDIC.

No segundo trimestre de 2018, tanto no Amazonas quanto na Bahia, o preço médio pago aos produtores extrativistas pelo quilograma comercializado da fibra de piaçava, esteve abaixo do preço mínimo estabelecido pelo governo federal.

Tabela 1 – Preço pago ao produtor extrativista pela fibra da piaçava bruta (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	abr/17	mai/17	jun/17	abr/18	mai/18	jun/18				
Amazonas	1,74	1,84	1,88	1,83	1,90	1,98	5%	3%	5%	2,47
Bahia	1,13	1,13	1,13	1,13	1,06	1,13	0%	-6%	0%	

Fonte: Siagro/Conab

Na tabela acima, verifica-se que os preços médios, recebidos pelos piaçaveiros amazonenses, nos meses de abril, maio e junho deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado, apresentaram pequenos acréscimos. Tal variação decorreu do período de estiagem, que dificultou o acesso às áreas de extração da piaçava, ocasionando um leve aumento nos valores.

Já os preços pagos aos produtores extrativistas baianos, de um modo geral, mantiveram-se estáveis, com exceção do valor registrado em maio de 2018 que apresentou um leve decréscimo.

PINHÃO

Ana Rita Lopes Farias Freddo

O pinhão é a semente da araucária, também conhecida como pinheiro-do-paraná, bastante apreciado na alimentação humana. É encontrado dentro da pinha nos galhos das árvores fêmeas⁴¹.

A araucária, com toda sua importância ambiental, cultural e econômica, é uma espécie ameaçada. Ela consta na Lista Nacional Oficial de Espécies da Flona Ameaçadas de Extinção, conforme Portaria MMA nº 243, de 17 de dezembro de 2014. Em relação à fauna, a destruição do habitat natural e a dependência pelo pinhão fizeram com que muitas espécies de aves e animais se tornassem igualmente ameaçadas, conforme a Lista da Fauna Ameaçada de Extinção e na Atualização da lista de Mamíferos Ameaçados de Extinção no estado do Pará⁴².

Análise do Mercado

No geral, segundo a Superintendência da Conab em Santa Catarina, a comercialização é muito informal, não havendo uma cadeia bem estruturada. A venda do produto se dá de forma direta ao consumidor (em beira de estrada – cru ou cozido – em menor proporção); para intermediários (atravessadores), que transportam o produto para os centros consumidores (varejistas) e Centrais de Abastecimento – Ceasas e para indústria ou associação, a qual beneficia o produto e o armazena para ser comercializado congelado cozido, inteiro ou moído durante o ano, nos restaurantes das regiões produtoras.

Ainda, segundo a Sureg-SC, em anos de safra cheia (alta produção) é comum a baixa acentuada dos preços ao produtor, chegando a ficar abaixo do custo de produção.

⁴¹ PICHELLI, Kátia. **Pesquisa desenvolve araucária com menor porte e produção precoce de pinhão**. 2015. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/florestas/busca-de-noticias/-/noticia/2678102/pesquisa-desenvolve-araucaria-com-menor-porte-e-producao-precoce-de-pinhao>>. Acesso em: 23 de julho de 2018

⁴²EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Pesquisa científica, conservação e utilização da Floresta com Araucárias**. 2015. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/7775823/pesquisa-cientifica-conservacao-e-utilizacao-da-floresta-com-araucarias>>. Acesso em: 23 de julho de 2018.

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

A Tabela 1 apresenta os preços médios pagos aos produtores extrativistas, pelo kg da amêndoa do pinhão, em quatro estados brasileiros. De um modo geral, observa-se, nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, um decréscimo dos preços no segundo trimestre de 2018 em relação ao de 2017. Isso se deve à maior oferta do produto ocasionada pelo aumento da safra atual em relação à anterior. Já os estados do Paraná e Minas Gerais, cuja safra de 2018 foi menor que a registrada em 2017, tiveram incrementos bastante significativos nos valores médios.

Tabela 1 – Preço médio pago ao produtor extrativista pela amêndoa do pinhão (R\$/kg)

UF	2º TRIMESTRE DE 2017			2º TRIMESTRE DE 2018			VARIAÇÕES PERCENTUAIS			Preço Mínimo
	A	B	C	D	E	F	D/A	E/B	F/C	
	abr/17	mai/17	jun/17	abr/18	mai/18	jun/18				
Minas Gerais	0,88	0,93	1,29	1,47	1,38	1,60	67%	48%	24%	3,16
Paraná	2,75	2,74	2,64	2,99	3,28	3,18	9%	20%	20%	
Rio Grande do Sul	5,5	5,73	5,69	4,34	4,04	4,05	-21%	-29%	-29%	
Santa Catarina	2,65	1,92	1,73	2,34	1,84	2,24	-12%	-4%	29%	

Fonte: Siagro/Conab

EXECUÇÃO DA PEGPM-BIO EM 2018

Relatório Sintético sobre a Execução da PGPM-Bio 1º Semestre de 2018

Serão destacados neste relatório, os principais elementos ligados à execução ocorrida no 1º semestre de 2018, no âmbito da Política de Garantia de Preços Mínimos para Produtos da Sociobiodiversidade – PGPM-Bio.

De modo geral, o atraso na publicação da Portaria Interministerial que estabelece o orçamento da PGPM-Bio para o ano de 2018⁴³, que somente ocorreu no dia 22 de maio de 2018, provocou o atraso nos pagamentos das operações.

Ao final do 1º semestre de 2018, a execução total da PGPM-Bio somou R\$ 2,48 milhões, totalizando 3,87 mil toneladas de produtos subvencionados, a partir de 1.251 operações realizadas na esfera dessa política, beneficiando 1.174 produtores extrativistas. As médias do 1º Sem. de 2018 foram de R\$ 2.113/família e 3.299 kg de produto subvencionado/família.

A PGPM-Bio foi acessada no 1º semestre de 2018, em 33 municípios de 6 estados, contemplando 7 dos 18 produtos que compõem a pauta desta política.

Tendo em vista que a portaria que libera o orçamento para a PGPM-Bio ter sido publicada somente no final de maio, todos os pagamentos realizados no 1º sem. ocorreram no mês de junho.

Os acessos à PGPM-Bio se deram de forma maciçamente individualizados (97,3%), conforme apontado na tabela abaixo, sendo que somente 2 organizações acessaram a PGPM-Bio, sendo 1 em RO e outra no PA.

Formas de acesso à PGPM-Bio - Individual X Coletiva - 1º Sem. 2018

	R\$	%	Kg	%	Extrativistas	%	Média (R\$/Produtor)	Média (Kg/Produtor)
Operações encaminhadas por Organizações	67.767	2,7%	19.815	0,5%	51	4,3%	1.329	389
Operações encaminhadas Individualmente	2.412.899	97,3%	3.853.250	99,5%	1.123	95,7%	2.149	3.431
Total	2.480.666	100%	3.873.065	100%	1.174	100%	2.113	3.299

43 Portaria Interministerial N° 521, de 22 de maio de 2018. Fixou o orçamento para 2018 no valor de R\$ 123 milhões e a equalização do limite máximo de subvenção por produto/ano no valor de R\$ 3 mil/produtor/DAP.

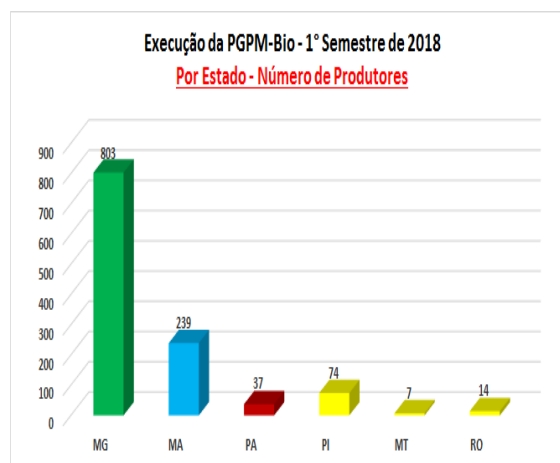
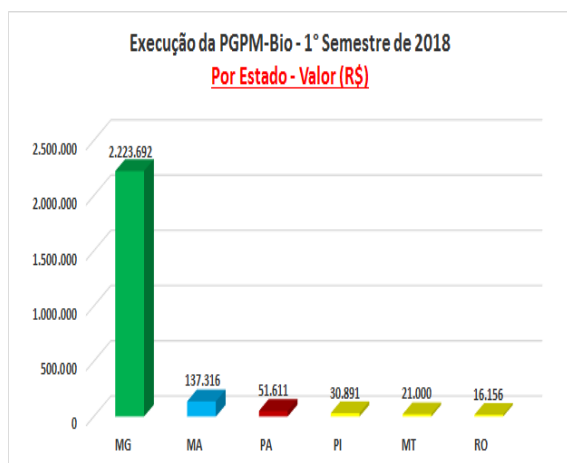
Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

O estado de MG aparece como o grande responsável pela execução da PGPM-Bio, sendo responsável por 89,5% dos valores pagos (R\$ 2,2 milhões), com pagamentos de subvenção à comercialização da Macaúba, Mangaba, Pequi, Pinhão e Umbu, beneficiando 803 extrativistas.

A tabela e os gráficos abaixo destacam a execução da PGPM-Bio por estado (UF), ficando patente a importância do estado do MG em relação a essa política, nesse 1º sem. De 2018.

Execução da PGPM-Bio por Estado - 1º Semestre de 2018								
UF	Quant. (Kg)	%	Valor (R\$)	%	Nº de Extrativistas	%	Nº de Operações	%
MG	3.714.568	95,9%	2.223.692	89,5%	803	68,0%	848	72,0%
MA	110.297	2,9%	137.316	5,6%	239	20,8%	239	20,9%
PA	15.091	0,4%	51.611	2,1%	37	3,1%	1	0,1%
PI	21.717	0,6%	30.891	1,2%	74	6,3%	75	6,4%
MT	6.666	0,2%	21.000	0,8%	7	0,6%	7	0,6%
RO	4.724	0,1%	16.156	0,7%	14	1,2%	1	0,1%
Total	3.873.064	100,0%	2.480.666	100,0%	1.174	100,0%	1.171	100,0%

Fonte: Sisbio/Conab.



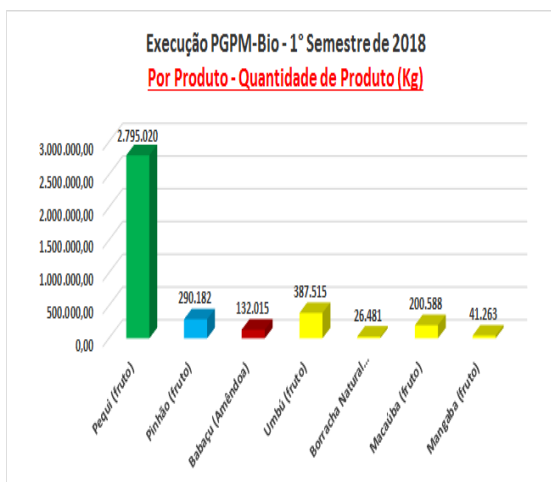
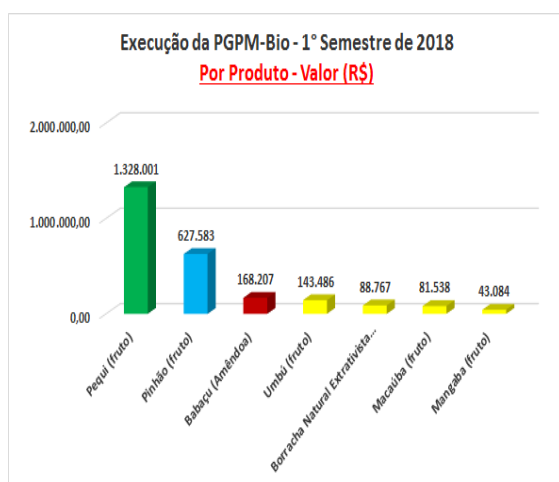
A execução do programa por produto aponta para a importância do Pequi em relação às variáveis ora analisadas. Somente este produto carrou 53,5,7% dos valores aportados (R\$ 1,32 milhões), bem como 72,1% da quantidade de produtores extrativistas beneficiados (2,79 mil t), beneficiando 565 produtores extrativistas. O Pinhão ocupa a segunda colocação em termos de recursos, seguido pelo Babaçu, que vinha sendo o produto de maior destaque ao longo dos últimos anos.

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

A tabela e os gráficos abaixo destacam a execução da PGPM-Bio por produto, em termos de valor (R\$), quantidades subvencionadas (Kg) e número de produtores extrativistas que receberam subvenção.

Execução da PGPM-Bio por Produto - 1º Semestre de 2018								
Produto	Quantidade (Kg)	%	Valor (R\$)	%	Nº de Extrativistas	%	Nº de Operações	%
Pequi (fruto)	2.795.019,80	72,1%	1.328.000,51	53,5%	545	43,3%	565	45%
Pinhão (fruto)	290.182,45	7,5%	627.583,21	25,3%	211	16,7%	213	17%
Babaçu (Amêndoa)	132.014,83	3,5%	168.206,92	6,9%	314	25,5%	314	26%
Umbú (fruto)	387.515,32	10,0%	143.486,17	5,8%	64	5,1%	87	7%
Borracha Natural Extrativista (Cernambi)	26.481,28	0,7%	88.767,30	3,6%	58	4,6%	9	1%
Macaúba (fruto)	200.588,18	5,2%	81.537,74	3,3%	43	3,4%	43	3%
Mangaba (fruto)	41.262,59	1,1%	43.083,96	1,7%	18	1,4%	20	2%
Total	3.873.064	100%	2.480.666	100%	1.253	100%	1.251	100%
Total de Extrativistas (sem repetições) *					1.174			

* Valor líquido: contabiliza apenas uma vez os produtores que acessaram a PGPM-Bio para produtos diferentes.



A execução da PGPM-Bio no 1º Sem. de ano de 2018 aponta para o pagamento de subvenção em 33 municípios, com destaque para o estado de MG (20), seguido pelo MA (6), MT (3), PI (2), PA (1) e RO (1).

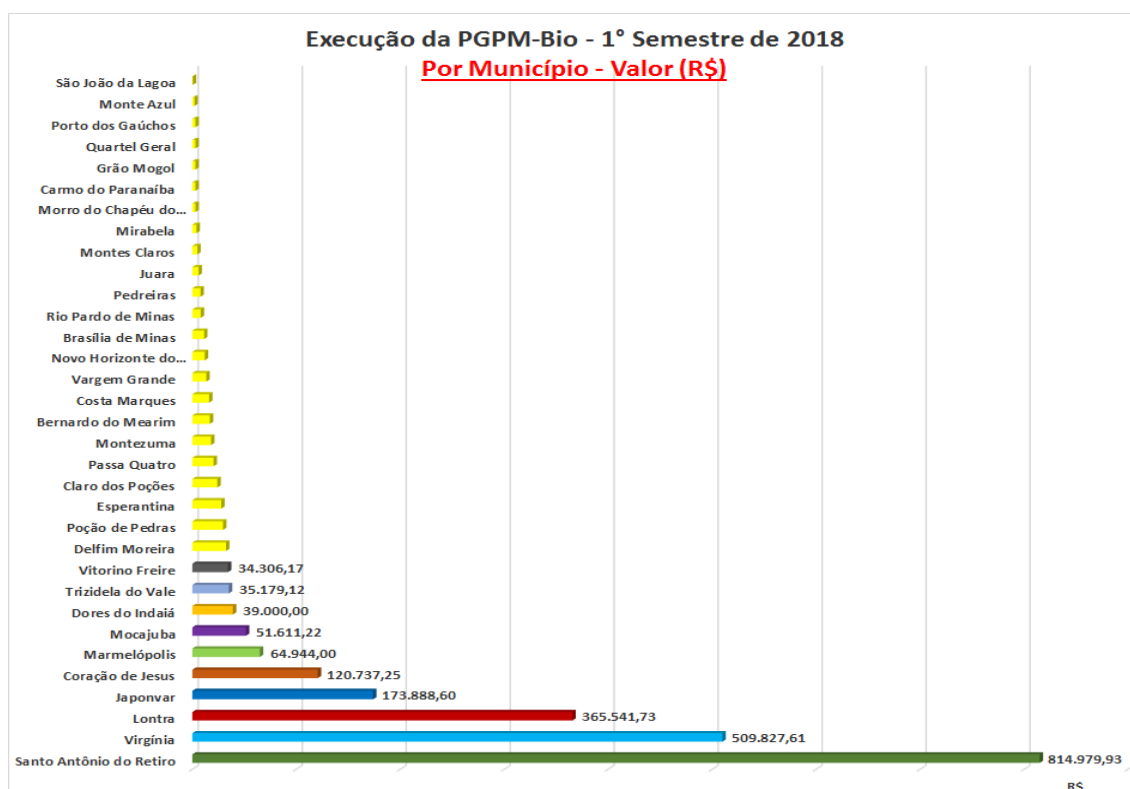
A tabela abaixo destaca a execução da PGPM-Bio nos 10 municípios com maior volume de recursos disponibilizados no âmbito da PGPM-Bio no 1º sem. de 2018, que carregaram juntos 89% dos valores pagos (R\$ 2,2 milhões), 92% da quantidade de produtos subvencionada (3,5 mil t) e 78% do número de produtores extrativistas beneficiados (914), apontando concentração acentuada em poucas localidades.

Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

10 Municípios de maior execução da PGPM-Bio - 1º Sem. 2018							
UF	Município	Quant. (Kg)	%	Valor (R\$)	%	Nº De Extrativistas	%
MG	Santo Antônio do Retiro	1.710.808,06	48%	814.979,93	37%	286	31%
MG	Virgínia	232.940,12	7%	509.827,61	23%	170	19%
MG	Lontra	827.965,75	23%	365.541,73	17%	77	8%
MG	Japonvar	340.447,41	10%	173.888,60	8%	121	13%
MG	Coração de Jesus	251.472,82	7%	120.737,25	5%	49	5%
MG	Marmelópolis	30.206,97	1%	64.944,00	3%	22	2%
PA	Mocajuba	15.091,00	0%	51.611,22	2%	37	4%
MG	Dores do Indaiá	88.636,37	2%	39.000,00	2%	13	1%
MA	Trizidela do Vale	35.950,38	1%	35.179,12	2%	51	6%
MA	Vitorino Freire	25.041,00	1%	34.306,17	2%	88	10%
Total		3.558.560	100%	2.210.016	100%	914	100%
Total Geral		3.873.064	92%	2.480.666	89%	1.174	78%

O município de Santo Antônio do Retiro/MG foi o que mais se destacou em termos de valores aportados, com R\$ 814,9 mil (37% do montante total); produtores extrativistas beneficiados (286 – 31% do total) e quantidades de produtos subvencionadas (1,7 mil t – 48% do total). Virgínia/MG aparece na segunda colocação em relação aos valores pagos, seguido de Lontra/MG.

O gráfico a seguir aponta os 33 municípios que tiveram produtores extrativistas que acessaram a PGPM-Bio no período analisado, organizado de acordo com o volume de recursos disponibilizados em cada um deles.



Volume 2, Número 2 - 2º trimestre de 2018

O atraso na publicação da Portaria Orçamentária que ocorreu no final de maio, distorceu a execução do 1º sem. de 2018, que poderia estar muito mais adiantada.

No início de agosto de 2018, a execução orçamentária já alcançava um montante de pouco mais de R\$ 4,4 milhões, conforme tabela abaixo.

Relatório de Pagamento sintético		Relatório gerado em: 03/08/2018 14:35:33		
Produto : Todos				
Ano civil : 2018				
UF : Todas				
Período : Todos				
Segmento População : Todos				
Gênero : Todos				
UF	Quant. (Kg)	Valor (R\$)	Nº de Operações	Nº de Extrativistas
MG	4.349.354,17	2.884.137,20	1085	1039
MA	990.373,12	1.098.212,67	1447	1398
AM	110.625,30	113.015,43	88	86
PB	65.530,00	79.689,70	43	43
MT	18.069,79	60.000,00	20	20
PA	18.321,00	54.518,22	2	38
AC	12.094,47	41.672,10	31	30
PI	21.717,45	30.891,18	75	74
AP	62.803,00	29.406,90	1	19
RO	4.724,00	16.156,08	1	14
Total	5.653.612,29	4.407.699,48	2793	2761

Há ainda operações em diferentes status no Sisbio que apontam para uma execução superior àquela ocorrida no ano de 2017:

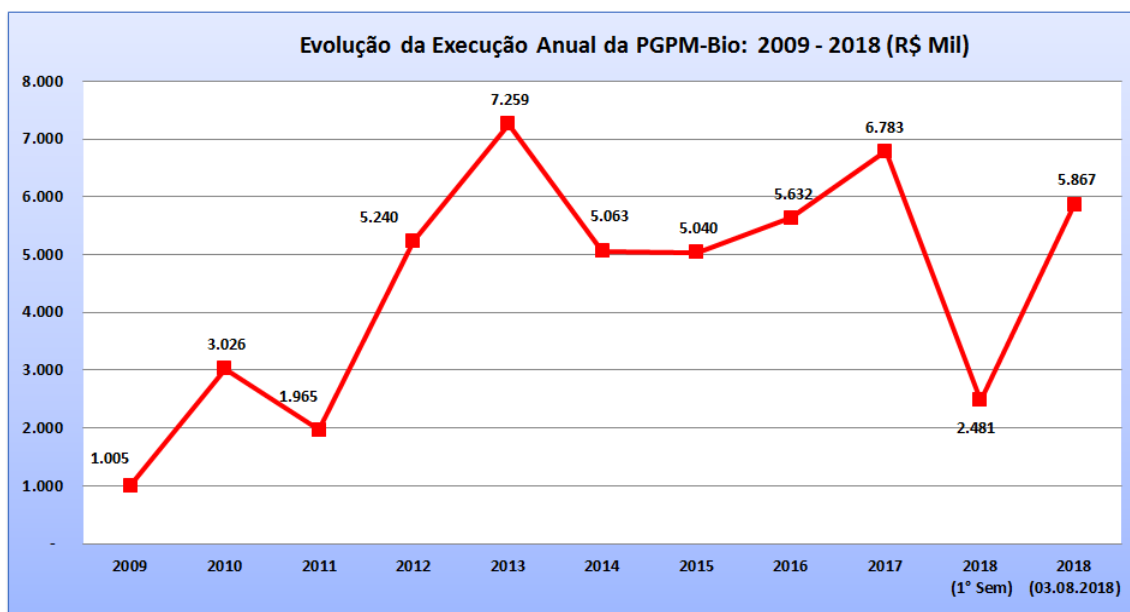
Pagamento Publicado – R\$ 117,0 mil.

Enviado para Pagamento – R\$ 683,0 mil.

Em Análise – R\$ 659,6 mil.

Total já inserido no Sisbio = R\$ 5,86 milhões.

O quadro abaixo aponta a execução da PGPM-Bio desde o ano de sua criação, acrescentando o montante alcançado no 1º Sem. de 2018, bem como os valores totais inseridos no Sisbio no dia 3 de agosto de 2018, o que aponta para uma boa perspectiva de execução no ano corrente.



Resumo dos principais destaques da execução da PGPM-Bio no 1º Sem. de 2018

A execução da PGPM-Bio no 1º Sem. de 2018 foi de R\$ 2,48 milhões, envolvendo um total de 3,87 mil t de produtos subvencionados, a partir de 1.251 operações, efetuados por 1.174 produtores extrativistas. As médias verificadas foram de R\$ 2.113/Família e 3.299 kg de produto subvencionado/Família.

O atraso na publicação da Portaria Orçamentária da PGPM-Bio, que só ocorreu no final de maio, certamente prejudicou a execução da PGPM-Bio no período analisado. Por esse motivo, só verificamos pagamentos de subvenção em 2018 a partir do mês de junho.

No período analisado, a PGPM-Bio foi acessada, por produtores extrativistas de 33 municípios de 6 estados, dos quais 20 estão situados no estado do MG, 6 no MA, 3 no MT, 2 no PI, 1 no PA e 1 em RO. Dos 18 produtos da pauta da PGPM-Bio, 7 produtos tiveram pagamento de subvenção no 1º Sem. de 2018.

Há predominância absoluta da quantidade de produtores extrativistas que acessaram a PGPM-Bio de forma individualizada (95,7% - 1.123 produtores), responsáveis por 97,3% dos recursos aportados (R\$ 2,41 milhões) e 99,5% da quantidade de produtos subvencionados (3,85 t). Somente 2 organizações de produtores acessaram à PGPM-Bio, sendo uma em RO e outra no PA.

O estado de MG foi o grande operador da PGPM-Bio nesse 1º Sem., subvencionando a produção de Macaúba, Mangaba, Pequi, Pinhão e Umbu, para 68% do total de produtores extrativistas beneficiados (803 produtores), sendo responsável por 89,5% dos valores aportados (R\$ 2,22 milhões) e 95,9% da quantidade de produtos subvencionados (3,71 mil t). O estado do MA, que tradicionalmente vem sendo o maior executor da PGPM-Bio nos últimos anos, aparece em segundo lugar em todos os quesitos analisados, subvencionando a produção de Babaçu.

Os ajustes recentes realizados no normativo da PGPM-Bio (Título 35), que, dentre outras coisas, incluiu a necessidade de se ter um “representante legal” para o encaminhamento de demandas junto à Conab (o que implica em custos cartoriais), pode ter travado momentaneamente a execução da PGPM-Bio (envio de demandas). De outro lado, facultou-se o encaminhamento de demandas por Órgãos Públicos, Sindicatos e algumas organizações não governamentais específicas (MIQCB e CNS), o que pode minimizar tal problema.

A execução da PGPM-Bio por produto surpreende e confere destaque ao Pequi, responsável por mais da metade dos valores aportados pela PGPM-Bio (53,5% - 1,32 mil t). Da mesma forma, o Pinhão também surpreende, sendo responsável por 25,3% dos valores pagos. Ambos os produtos apontados receberam subvenção no estado de MG.

Os 10 municípios com maior volume de recursos aportados no âmbito da PGPM-Bio foram responsáveis juntos por 89% dos valores pagos (R\$ 2,21 milhões), 92% da quantidade de produtos subvencionados (3,55 mil t) e 78% do número de produtores extrativistas que acessaram esta política (914 beneficiados), apontando concentração acentuada da execução da PGPM-Bio em poucos municípios.

O município de Santo Antônio do Retiro/MG foi àquele de maior destaque em termos de valores aportados, com R\$ 814,9 mil (37% do montante total), com 286 produtores extrativistas beneficiados (31% do total) e quantidades de produtos subvencionadas (1,71 mil t – 48% do total). Virgínia/MG aparece na segunda colocação (R\$ 509,8 mil – 23%; 170 produtores – 19% e 232,9 t. – 7%), seguido por Lontra (R\$ 365,5 mil – 17%; 77 produtores – 8% e 827,9 t – 23%).

No início de agosto de 2018, a execução da PGPM-Bio já alcançava um montante de pouco mais de R\$ 4,4 milhões. Somados ainda a outras operações já inseridas no Sisbio (Pagamento Publicado, Envaído para Pagamento e Em

Análise), o montante chega a R\$ 5,86 milhões, o que corresponde a cerca de 85,6% da execução verificada em 2017.



ISSN: 2527-1598



MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**

